

# Momento Feminino

Adelaide Chiozzo, a jovem e talentosa artista do cinema e do rádio, uma das principais figuras de «Aviso aos Navegantes», assinou o Apêlo por um Pacto de Paz entre as 5 Grandes Potências, declarando-se a favor de um entendimento fraterno entre os povos.

N.º 95 ★ ★ ★ Ano III

★ Cr\$ 1.00 ★

★ Rio de Janeiro Junho - Julho

# AUMENTA A CARESTIA

Continua a crescer a carestia de vida. Nenhuma medida eficiente é posta em prática para, pelo menos, detê-la. Os gêneros apodrecem no interior. O Instituto do Alcool - do Açúcar, que é dirigido pelo próprio dono das usinas, se encarrega de fazer subir o preço do açúcar. Os americanos determinam o preço do café. A Comissão Central de Preços, intermediária entre o produtor e o consumidor, aceita oficialmente os altos preços ditados pelos primeiros. Os salários não chegam. Os trabalhadores na indústria ganham, em média, Cr\$ 700,00 mensais. E, por isso a miséria bate nos lares. 40% dos alunos matriculados em nossas escolas não podem frequentar as aulas. Os Drs. Rui Coutinho e Edson Cavalcanti, médicos do Departamento Nacional da Crian-

ça, tecendo comentários sobre os inquéritos referentes à alimentação dizem: «As evidências são no sentido de que o operário brasileiro vive em miéria alimentar. Um indivíduo que receba a alimentação não operará ser eficiente, terá pouca capacidade para o trabalho, pouca resistência à fadiga e apresentará estados mórbidos pouco definidos, que são o resultado da má alimentação e da subnutrição.» E o número de tuberculosos aumenta. Por exemplo, no Distrito Federal, 5.759 em 1941, 5.805 em 1942, 6.224 em 1943 e em 1945 chegou a 6.516. E a fome em consequência da carestia, que vai sempre aumentando. Vejamos nesses três últimos anos em que o custo de vida subiu em 60%, alguns artigos de primeira necessidade:

Açúcar . . . . .	CR\$ 3,00	4,50
Arroz . . . . .	3,80	7,00
Café . . . . .	9,60	32,00
Carne seca . . . . .	9,80	15,50
Feijão . . . . .	2,60	4,30
Leite . . . . .	1,60	2,90
Pão . . . . .	5,40	9,60

## Conversando Com os Leitores

MARIA JOSE LOPES — Porto Alegre (R. G. do Sul) — Concordamos com os termos de seu artigo, sobre a situação de miséria dos lares brasileiros, nos quais muito bem diz você «a fome e a doença fizeram também suas moradas». Gostaríamos que você nos mandasse reportagens ou artigos sobre as condições de vida das mulheres nas empresas de seu Estado problemas das donas de casa. etc. Esse é um meio de tornar o conteúdo do jornal mais interessante e variado, ajudando ao mesmo tempo, as lutas das organizações femininas locais.

MARIA JOSE TELXEIRA — Realmente, sem estarmos unidas não é possível conquistar a Paz. E a luta pela Paz é toda uma cadeia de pequenas lutas diárias. Não gostaria você de contar a «Momento Feminino» os problemas e as dificuldades de suas vizinhas, parentas e amigas? Essas pequenas lutas de cada dia que, se compreendidas e vividas, são uma parte da luta pela Paz? Gostaríamos de receber uma colaboração sua contendo histórias e fatos reais. Esperamos.

MARIA DO PATROCÍNIO — Feira de Santana (Bahia) — Recebemos, há tempos, uma colaboração sua sobre a crise de transporte no interior da Bahia. Como aquela colaboração se refere ao problema de uma maneira geral, aguardamos que você nos mande uma colaboração contendo fatos mais ligados à vida das mulheres e do povo no interior bahiano, suas necessidades, seus problemas, suas lutas.

**DR. IRUN SANT'ANNA**  
Clínica Médica Consultório  
Rua S. Pedro, 28  
— NITERÓI —  
3<sup>as</sup>, 5<sup>as</sup> e Sábados  
Das 9 às 11 horas



**CLÍNICA E CIRURGIA DE SENHORAS**  
Tratamento do Casal Esteril  
**Dr. CAMPOS DA PAZ FILHO**  
Laureado pela Academia de Medicina e Sociedade de Medicina e Cirurgia — Consultas — com hora marcada —  
EDIFÍCIO CARIÓICA

## Cabeça de Porco, subiu de posto, agora é Pensão!

Continuando a jornada contra a carestia de vida e as causas que engendram este estado de coisas, MOMENTO FEMININO, procurou ouvir os moradores do prédio 32 da rua Bento Lisboa que se intitulava PENSÃO REGINA, mas não passa de uma cabeça de porco igual a outra qualquer.

A impressão que se tem é péssima. O porão, que é abafadíssimo, foi onde pudemos observar melhor. Na parte superior não estivemos. Depois de passar por baixo de uma escada, vai-se aos cômodos lá dos fundos que são apertadíssimos e onde moram famílias inteiras. Um casal com três ou quatro filhos.

Para que se faça uma idéia da exploração, basta saber que o senhorio paga de aluguel Cr\$ 3.000,00: a casa tem uns 20 cômodos e há cômodos alugados até por Cr\$ 2.500,00. Há outros de Cr\$ 1.650,00 e vai por aí a fóra.

Há uma nova modalidade de exploração: as cabeças de porco alugam os quartos mas só com refeição. Acontece que essa refeição é daquelas que não chega nem para abrir o apetite.

A primeira senhora que MOMENTO FEMININO ouviu foi D. Alice Matos, que ante a nossa pergunta sobre a carestia disse:

— Nem fale em carestia. A vida cada dia piora mais. Veja a minha casa. É um porão e nós pagamos por isto Cr\$ 630,00. Meu marido é

garçon e ganha somente 380 cruzeiros de ordenado, dependendo o resto das gorjetas. Assim mesmo, o patrão ameaçou de botá-lo na rua caso seja aumentado pelo Ministério.

Perguntamos se ela tomava pensão.

— Não, respondeu-nos. Faço minha comida no alcool, virando-se mostrou-nos um minúsculo fogareiro com uma panela.

Depois, falou-nos sobre a dificuldade de instrução, pois ainda paga colégio para uma filha, mas para isto coze às vezes até meia noite. Queixou-se ainda D. Alice da falta d'água.

Terminando nossa palestra com D. Alice, contamos a ela porque está a vida tão cara. E' o descaço das autoridades e antes de tudo as negociatas de tubarões, estes tubarões que querem nos arrastar numa guerra, com a qual nada temos que ver. D. Alice também argumentava: Apresentamos a ela o «APELO DE PAZ» ao qual ela dispensou toda a atenção e assinou dizendo: Eu não quero saber de guerra!

Falamos depois com D. Zaide Lemos, do quarto do lado. D. Zaide tem 4 filhos e há ainda uma senhora idosa que mora com ela. Dormem todos no mesmo quarto.

Dá pena se ver como vive esta senhora. Um porão imundo. Ela mostrou-nos a conta que pagou durante a

quinzena, para duas pessoas: Cr\$ 1.905,00. Imagine diz ela, foi muito além do Cr\$ 1.500,00 que eu tratei.

D. Zaide contou-nos que há poucos dias estava com o filho doente e não havia água, foi pedir ao dono e ele negou-se terminantemente a arranjar água para dar um banho no pequeno doente.

Disse ainda D. Zaide que gasta muito além daquilo que come na pensão, pois tem que comprar frutas e legumes para cozinhar no fogareiro, para os filhos.

Fomos para os fundos da casa. Lá encontramos uma senhora lavando roupa. Perguntamos: O que nos diz sobre a carestia?

— Ah! minha filha. Eu sinto uma revolta tão grande com a casa para morar, que de quando me lembro que não se tem casa para morar que não se tem o que comer.

E além de tudo não se pode reclamar coisa alguma.

— Roubam na quitanda roubam-nos nos armários, nas farmácias. E ainda se mora «neste» lugar.

Esta senhora paga Cr\$ 1.500,00 de aluguel.

Fala-nos sobre os preços absurdos dos alugueis. Está procurando arrumar um apartamento mas não pode pois os preços são terrivelmente altos.

D. Odete, outra inquilina, diz também: — O aluguel e a comida levam todo o dinheiro, a gente não pode mais vestir e nem calçar e nem botar o filho para estudar.

Também, D. Antonia Souza aproximou-se para dizer: — Está horrível. E ainda mais agora que o senhorio aumentou de Cr\$ 130,00 para Cr\$ 300,00 o aluguel do quarto onde eu moro com o meu filho.

E' dolorosa a situação. Mas quem se arruma com isto é o sr. BRAZ DE FREITAS, DONO DA PENSÃO REGINA, a cabeça de porco

## Atividades Femininas

### EMPGSSADA A NOVA DIRETORIA DA F. M. DE PERNAMBUCO

No dia 24 de maio foi empossada solenemente a nova diretoria da Federação de Mulheres de Pernambuco, eleita no dia 6 do mesmo mês, constituída dos seguintes elementos: Presidente — Iraci Barbosa de Almeida, Vice-Presidente — Lindalva Pontes, 1a. Secretária — Neusa Cardim da Silveira Barros, 2a. Secretária — Alda Toribio, 3a. Secretária — Severina da Silva, Tesoureira — Nerina de Castro Mendes, 2a. Tesoureira — Josefa Feitosa.

**PALESTRAS** — Associação Feminina de Cachoeiro do Itapemirim (E. Santo), vem promovendo palestras sobre vários assuntos, de interesse da mulher, em fábricas de tecidos e residências.

**NOVAS ORGANIZAÇÕES FEMININAS** — Acaba de ser fundada no Espírito Santo, a Associação Feminina de Guacui, com a seguinte diretoria: Anabela de Oliveira, presidente — Alcides Andrades, vice-presidente — Norma Gomes Morais, 1a. Secretária — Elza Gomes Morais, 2a. Secretária — Neuzy Andrade Tesoureira — Floripes Gomes Morais, 2a. Tesoureira e Geralda Oliveira, procurador.

Em São Paulo, Capital, depois de ser corrido um memorial entre os moradores do Parque São Lucas, que recebeu 400 assinaturas, para solução dos angustiosos problemas do bairro — sem escola, sem luz, sem meios de transportes, com ruas intransitáveis, onde mesmo vão os entregadores de leite e pão —, foi criado um Núcleo Feminino e eleita a sua primeira diretoria, que ficou assim constituída: Da. Olimpia Rigbi Rosa, presidente — Da. Josefa Rodrigues Dutra, vice-presidente — Srta. Marina Marques, 1a. Secretária — Da. Fraternidade Lopes, 2a. Secretária — D. Maria Ziviani e D. Tereza Campos Virgilio, 1a. e 2a. Tesoureiras.

**COMEMORAÇÕES NO DIA DA MÃES** — Em comemoração ao dia das Mães, A Federação de Mulheres de Pernambuco lançou uma carta-manifesto às mães pernambucanas concitando-as a lutar contra a guerra, lembrando o exemplo das heroínas da luta contra o domínio holandês. Realizou ainda uma visita à estatueta de Joaquim Nanuco e uma sessão solene em sua sede social.

A União Feminina Fluminense realizou no Morro do Estado, em Niterói, uma animada e concorrida festa, com distribuição de distintivos, mesa de doces e baile. Por ocasião da festa, foi dirigida uma saudação a todas as mães que lutam pela Paz mundial.

**CONTRA A CONFERENCIA DOS CHANCELERES** — As mulheres de Barreto, em Niterói, distribuíram na Fábrica Manufatora Fluminense e em diversos bairros, volantes que esclareciam as finalidades da Conferência de Washington. Nesse sentido, colaram 10 cartazes, realizaram um comício numa fábrica de sedas e seis palestras em residências familiares.

**ASSEMBLEIAS FEMININAS** — A Federação de Mulheres do Espírito Santo realizou uma assembleia geral extraordinária com a seguinte ordem do dia: Apelo por um pacto de Paz — Carestia da Vida e Convenção Estadual a realizar-se em junho proximo. Essa reunião foi presidida pela presidente da União Feminina de São Torquato, em homenagem àquela agremiação que já conta com 254 associadas.

A Associação Feminina de Cachoeiro do Itapemirim, também em Espírito Santo, realizou uma grande assembleia, para estruturação de sua nova diretoria, que ficou assim constituída: Lanir Pereira Leal, presidente — Claudionira Dliveira, vice-presidente — Joana Maria Massena de Andraue, 2a. Secretária — Citalia Massena, tesoureira.

**COMENAGEM DA FEDERAÇÃO DE MULHERES DE SÃO PAULO AS MÃES NORDESTINAS** — Realizou-se em São Paulo, no Dia das Mães, na sede do Minas Gerais F. C., uma homenagem da Federação de Mulheres de São Paulo às mães brasileiras, na pessoa das herpicas mães nordestinas, que enfrentam neste momento a luta trágica em defesa de seus filhos, flagelados pela seca. A homenagem constou de uma conferência do professor Samuel Pessoa, com exibição de filmes sobre as zonas flageladas do nordeste.

A Associação de mulheres de Pernambuco — Instalou, também, uma «Comissão de Solidariedade» aos flagelados do nordeste, com a seguinte direção: Laís Antunes, presidente — Helena Lourenço, vice-presidente — Alda Toribio, 1a. Secretária — Lindalva Pontes, 2a. Secretária — Libia Bezerra, tesoureira.

## Doenças Nervosas e Mentais

Psicoterapia e Análise  
**Dr. Francisco de Sá Pires**  
Professor de Clínica Psiquiátrica  
R. SANTA LUZIA, 732, Sala 718, 7.º And.  
Diariamente

# DECLARAÇÕES DA PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DE MULHERES DO ESTADO DE SÃO PAULO

D. Eunice Catunda, presidente da Federação de Mulheres do Estado de São Paulo, prestou, à imprensa, as seguintes declarações, sobre a realização do I Congresso Nacional de Mulheres:

«O I Congresso, que se realizará nesta Capital, reunirá representantes das mulheres brasileiras, vindas de todos os recantos do país. Já estão sendo realizadas assembléias preparatorias nos bairros, nos municípios e nos locais de trabalho, para o debate dos problemas mais sentidos pelas mulheres.

A própria situação que pesa sobre as mães de família e a mulher que trabalha fora do lar dita os temas de nosso Congresso. O agravamento da carestia de vida, os problemas da infância e a ameaça de um conflito mundial, falam diretamente aos sentimentos da mulher. Cada um desses pontos contem milhares de questões que precisam ser resolvidas.

Referindo-me, ainda a dados oficiais, verifiquei que cerca de 80% de um grupo de mil e tantas famílias operárias viviam num único cômodo. E, por um simples quarto, os alugueis cobrados nunca são inferiores a Cr\$ 500,00. Aliás, deixando de lado os números estatísticos, basta ver o que são, hoje, as filas de açúcar e carne, a falta de leite e óleo de quota, e o ele que é, na atualidade, a vida de uma dona de casa, para compreender o que custam, para compreender o que custam, para compreender o que custam.

O Congresso está aberto a todas as mulheres, de todas as categorias sociais. Estamos profundamente interessadas em que seja o maior possível o número de congressistas operárias e trabalhadoras de diversas profissões, pois, sabemos que elas poderão trazer as mensagens mais expressivas das duras condições em que vivem as mulheres em nosso país. Aliás, estabelecemos como credencial para as delegadas cem assinaturas no Apêlo por um pacto de Paz ou duzentas num abaixo-assinado contra a carestia, pois, assim, as delegadas virão ao Congresso com uma experiência prática do contacto com o próprio povo que padece a carestia e anseia pela Paz.»

## Pela Paz, Pela Criança, Pelo Brasil

BRANCA FIALHO, presidente da Federação de Mulheres do Brasil

A evolução do papel da mulher na sociedade tem sido espantosa nestes últimos tempos. Somos algumas a ainda nos lembrarmos das mulheres «rainhas do lar», eufemismo que significa a mais das vezes: «escravas do lar». A mulher trabalhava o dia inteiro dentro de casa: na cozinha, na costura, na criação dos filhos, etc. Nada lhe era permitido tomar parte ativa na vida fora do lar, e muito menos lhe era permitido o direito de procurar as soluções dos problemas que mais lhe interessam: o preço da vida, os problemas dos filhos, etc. Ela que mais sofre as dificuldades da criação e educação dos filhos, não tinha o direito nem ao menos de opinar sobre esses assuntos.

Como «rainha do lar» era cuidadosamente afastada das atividades políticas, sociais e administrativas da sociedade.

Mantida em situação de absoluta inferioridade chegaram a negar que possuísse alma, aproximando-a mais dos irracionais do que do homem, seu senhor.

Aos poucos a princípio, e cada vez mais rapidamente, a situação vai mudando e vai a mulher conquistando seus direitos: principalmente o direito de defender sua família contra a carestia, a ignorância, a doença, a morte, a guerra.

Aos poucos vai aprendendo a se unir às outras mulheres para lutarem em comum pelos mesmos ideais. E vão se organizando nesse sentido.

O I CONGRESSO NACIONAL DE MULHERES que se reunirá em São Paulo nos dias 28, 29 e 30 de julho será a demonstração de que as mulheres do Brasil já têm consciência de seus deveres e de seus direitos.

Já compreenderam que têm o direito de trabalhar para a defesa de suas famílias e seus lares e compreenderam que é seu dever fazê-lo. Compreenderam também que somente unidas poderão vencer nessa luta.

No Congresso de São Paulo mulheres de todo o Brasil, norte, centro e sul — mulheres de credos religiosos os mais diversos — mulheres de opiniões políticas por véses opostas — se reunirão irmanadas na mesma luta:

**A CRIANÇA — A CARESTIA — A PAZ**

Esses temas abrangem todos os problemas que no momento atual empolgam as mulheres: os filhos, o lar, a luta diária contra os preços, a luta contra o espectro de guerra que ameaça seu marido, seus filhos, que encarece mais a vida. Todos os problemas aí se aham: a criança, a carestia, a paz.

Estamos certa que o I Congresso Nacional de mulheres será um marco na história social do Brasil: será o início da organização, em escala verdadeiramente nacional das mulheres para o trabalho em conjunto. Sentindo a amplitude já atingida por esse movimento cada uma de lá voltará com mais coragem e confiança para lutar em defesa de seus entes queridos. Verá que não está só. Verá os resultados já obtidos. Aprenderá a trabalhar melhor. Fazemos um apêlo a todas as mulheres, sejam quais forem suas opiniões, sejam quais forem suas crenças religiosas para virem a São Paulo, ou mandarem delegadas, trabalhar unidas pelas crianças do Brasil contra a carestia e contra a guerra.



## EM MARCHA PARA O CONGRESSO

### TEMÁRIO

- 1 — DEFESA DA PAZ.
- 2 — COMBATE À CARESTIA.
- 3 — DEFESA DA INFÂNCIA.
- 4 — O MOVIMENTO FEMININO E SUA ORGANIZAÇÃO.

As mulheres preparam-se para a grande festa nacional — o 1º CONGRESSO DE MULHERES, a realizar-se em São Paulo, nos dias 28, 29 e 30 de julho próximo. Discutem seus problemas, suas necessidades, seus anseios, o destino de seus filhos e os destinos da humanidade, em assembleias que se realizam pela pais a fora. Há um abraço fraternal e carinhoso para cada nova companheira que participa do trabalho. As mulheres não se indaga de sua religião ou de seu partido político. As portas estão abertas para a discussão, para os entendimentos, para as opiniões e as sugestões, para a ajuda mútua, sob a bandeira da Federação de Mulheres do Brasil. Um desejo água e luz para seus bairros. Outras, escolas e hospitais para os filhos. Outras melhores condições de trabalho; vestuários, banheiros, o direito sagrado de ter filhos e cria-los. O amparo para as famílias que vivem das terras que não lhes

pertence e de onde são encoadadas sem possibilidade de colher os frutos de seu trabalho. Todas desejam fartura para seus lares e seu unem no combate à carestia. Todas desejam conservar perto de si os entes queridos, desejam proteger os filhos da destruição e do crime, como se vêm protegendo, desde o instante em que os conceberam.

E, ao calor dessa proximidade — donas de casa, funcionárias, operárias e camponesas — marcham para a grande festa das mulheres, de onde partirão para novas lutas, para novas caminhadas, no sentido de trazer para seu convívio um sempre crescente numero de mulheres, a fim de que todas juntas possam conquistar uma vida sem o tormento da fome, uma vida sadia e feliz para suas crianças num mundo de harmonia e compreensão entre os povos.

ESPIRITO SANTO — Diversas convenções serão realizadas no mês de junho: Ilha de Santa Maria, Maruípe, São Torquato e Fonte Grande. Co-

mo coroamento dessas convenções e para fins de confraternização das delegadas será realizada no dia 17 a Convenção Estadual, precedida de grande propaganda.

PERNAMBUCO — Estão sendo intensificados os trabalhos preparatorios em todo o Estado para o Congresso Nacional.

ALAGOAS — Está sendo feita grande campanha de divulgação do Congresso. Como parte desse trabalho, foi fundado um núcleo feminino em Pinheiro, bairro do Farol, que recebeu o nome de «Ação Feminina em Defesa da Paz».

S. PAULO — SEDE DO CONGRESSO — Estão sendo realizadas assembleias municipais e de bairros. A Federa-

ção de Mulheres de São Paulo tem mandado representantes a todos os núcleos e municípios para presidirem os atos. A FMESP tem feito grande propaganda, através de um boletim especial para a Convenção Estadual, com explicações e experiências.

DISTRITO FEDERAL — A Associação Feminina do Distrito Federal tem desenvolvido grande plano de trabalho em preparação ao Congresso. Abaixo-assinados estão correndo nos morros, pelas maiores necessidades das famílias, à base dos quais serão organizadas as discussões e pequenas assembleias, para a eleição de delegadas. Esse trabalho tem sido feito também, com as empregadas de tinturaria e operárias de fabricas de diversas atividades.

Diversos bairros — Vila Isabel, Gavea, etc. preparam, mesas redondas para os próximos dias. A AFDFF tem designado membros de sua diretoria para assistir e ajudar nos trabalhos que os bairros realizam, e que tem sido de

grande aproveitamento. As delegadas do Distrito Federal serão eleitas, também, a base de 100 assinaturas individuais para um Pacto de Paz, atendendo a um dos pontos do temario.

No bairro de Realengo, um dos populosos suburbios do Distrito Federal, foi realizado o concorrido ato publico, pela Comissão Feminina de Realengo, no Centro Espirita «Paz, Amor e Caridade», para discussão do problema da carestia. Participaram cerca de 200 pessoas, mulheres, homens e crianças, representantes de organizações locais e pessoas gradas do bairro durante o qual foram eleitas as delegadas ao Congresso. Estiveram presentes a reunião a Federação de Mulheres do Brasil, representada pela srta. Bertine Blum e sra. Mary Emille Luminelly, presidente da Associação Feminina do Distrito Federal e uma representante deste jornal, que levou o nosso apêlo e a nossa solidariedade às mulheres de Realengo.

# I Congresso Feminino de Goiás

O I Congresso Feminino de Goiás alcançou o objetivo desejado pela Federação de Mulheres do Brasil, nos trabalhos preparatórios do I Congresso Nacional Feminino — o de atingir e congregar mulheres de todas as profissões, de todas as camadas sociais, para discutir seus problemas e, unidas, lutarem pela solução dos mesmos.

Foi grande o trabalho realizado pelas mulheres goianas, através de conferências nas fazendas, nos municípios, nos bairros, realizando, inclusive, comícios em todos os bairros da Capital. Lançaram um jornal «Mulher em Marcha», com um «Manifesto às mulheres de Goiás» e esse jornal foi distribuído de mão em mão. Depois, constituíram uma comissão executiva, ampliando a direção da União Feminina de Goiás, e essa Comissão percorreu o interior do Estado, realizando amplas

**CAMPONESAS: POSSE PERMANENTE DOS TÍTULOS DE TERRA — DONAS DE CASA: CONTRA A VIDA CARA — "DAREMOS TODO O NOSSO SANGUE PARA QUE NOSSOS FILHOS E NOSSOS MARIDOS NÃO VÃO PARA A GUERRA" — SETENTA E UMA DELEGADAS — PASSEATAS — "O CONGRESSO FOI UMA FESTA", DIZ A REPRESENTANTE DA FMB**

assembléias. O resultado das assembléias foi o comparecimento, nos dias 16 e 17 de junho corrente, de 71 delegadas ao Congresso Feminino de Goiás, de varios municípios, sendo o maior numero da cidade de Anápolis. As assembléias municipais foram realizadas nos recintos das Prefeituras e, na ocasião, foram instaladas Uniãoes Femininas locais, quando, também, as mulheres presentes indicavam os nomes das delegadas.

Que discutiram nossas irmãs de Goiás, em cidades tão distantes de nós, pelas centenas de quilômetros, lá

para os lados do oeste? A predominancia no Congresso foi de mulheres que trabalham no campo, de mulheres cujas famílias vivem da terra e estão plantando em pequenos pedaços de terra, cujos títulos são provisórios, não havendo, assim, a segurança desejada e ainda lhes cabendo tributos pela utilização da terra. E, então, elas desejam o título permanente das terras. «Acabar com a vida cara», eis a frase que andou em todas as bocas. E todos os problemas as mulheres enquadram na grande luta da humanidade — a defesa da Paz. Diziam as mulheres de Goiás,

reunidas no Palácio da Peçuária, em Goiânia: «Daremos todo nosso sangue, para que nossos filhos e nossos maridos não vão para a guerra». Nas sessões plenárias que se realizaram durante dois dias, falaram todas as delegadas sem recorrerem à leitura de teses, porque a maioria não sabe ler. Uma sra. de 75 anos comoveu profundamente a assistência, falando com a certeza dos que não envelhecem para as lutas da vida: «Eu sou como um gafanhoto seco pela miséria, pelo sol e pelo vento, e venho aqui dizer a minha necessidade e a de minha gente.»

Todas aquelas mulheres, as camponesas e as donas de casa, concluíram que só juntas poderão conseguir o que desejam.

No dia do encerramento do Congresso, aproveitando o bota-fora das mulheres de mulheres de Anápolis, uma grande passeata percorreu as ruas de Goiânia, conduzindo um painel com o retrato de Elisa Branco, onde se lia: «OS SOLDADOS, NOSSOS FILHOS, NÃO IRÃO PARA A COREIA», aos gritos de «Viva a Paz» e outros «slogans» parlotas, demorando-se algum tempo diante do Palácio do governo.

As resoluções do Congresso se referiram ao barateamento do custo de vida — maior numero de grupos escolares, maternidades, creches, luz e calçamento —, à organização das mulheres e à luta contra a guerra. AS resoluções foram entregues em mãos do governador do Estado.

O Congresso enviou, também, por intermédio da deputada estadual Berenice, esclarecimentos sobre as causas da carestia, atendendo ao pedido que aquela deputada fizera, para apresentação do plenário.

Foram votadas, também, diversas moções de apoio e solidariedade: aos funcionários da Caixa Econômica, que se encontram em greve; às mulheres coreanas; às organizações populares ameaçadas de fechamento; à partidária da Paz Elisa Branco, etc.

Foi eleita a nova diretoria da União Feminina de Goiás: sras: Francisca Pinheiro Meireles, Maria Estela de Almeida, Artunira Cabral Meireles, Anália Victorino e Maria Rachel Garcia.

De cada município de Goiás irão a São Paulo uma ou duas delegadas e 5 da Capital.

Representou a Federação de Mulheres do Brasil, sra. Beatriz Cavalcanti, que pôde sentir, de perto, o entusiasmo daqueles que, no Estado de Goiás, lutam pelo bem estar e pela felicidade de todas as famílias, lavadeiras do Bairro de Botafogo, em Goiânia, camponesas das colonias agrícolas, donas de casa de Firminópolis, Aurilândia, Anápolis, etc. «O Congresso foi uma festa», nos disse a representante da F.M.B.

\*\*\*\*\*



ATO DA INSTALAÇÃO DA «COMISSÃO DE SOCORRO AS VITIMAS DA SÊCA», SOB O PATROCÍNIO DA FEDERAÇÃO DE MULHERES DO CEARÁ, QUE CONTOU COM A PRESENÇA DE UM REPRESENTANTE DO GOVERNADOR DO ESTADO

PARTE DA GRANDE MASSA DE FLAGELADOS QUE ASSISTIU À REUNIÃO

## Nos Estados do Ceará, Pernambuco e Bahia a Presidente da Federação de Mulheres do Brasil

A sra. Branca Fialho, presidente da F.M.B., empreendeu uma viagem ao nordeste, onde esteve em contacto com as organizações femininas locais, orientando-as no sentido de ampliação dos trabalhos daquelas organizações, em função do Congresso, e, para tal fim, conversou com grande número de mulheres, esd- de as labirintinas cearenses às moradoras do Corta Braço, na Bahia.

### CONFERENCIA DE MULHERES NORDESTINAS — VISITA AOS BAIRROS DE FORTALEZA — ONDE UM PAI DE FAMÍLIA GANHA DUZENTOS E CINQUENTA CRUZEIROS POR MÊS

Com a presença de D. Branca, foi instalada no dia 17 de junho, em Fortaleza, a Conferência de Mulheres Nordestinas, num ato público que contou com a presença de grande número de pessoas e de muitos flagelados. Essa conferência, da qual participaram delegadas dos municípios, teve o objetivo de lançar uma campanha de solidariedade às vítimas da seca. Na ocasião da assembléia foi realizada uma coleta e o resultado entregue aos flagelados presentes que, também, participaram dos debates, contando em linguagem simples, a tragédia de seus lares e de seus filhos. Tragédia que podia ser solucionada com medidas de ajuda, na emergência em que se encontram, e de combate às secas, através dos métodos de fertilização, já usados em outros países, mesmo em regiões desérticas. Como resultado da realização da Conferência, foram feitos vários apêlos, para fins de solidariedade às famílias flageladas; à imprensa de todo o país, no Presidente da República, às organizações femininas. Foi constituída uma comissão de flagelados para pedir à Assembléia Estadual, uma verba de emergência. Foi, ainda, na solenidade da instalação, prestada uma homenagem de solidariedade a Elisa Branco e dado um voto de confiança à Federação de Mulheres do Brasil.

D. Branca esteve em diversos bairros de Fortaleza. No Quilômetro 8, onde almoçou com mulheres flageladas, tendo palestrado com homens e mulheres, que lhe fizeram as mais diversas perguntas sobre assuntos de interesse coletivo. Em Vila Brasil, onde visitou o lactário mantido pela União Feminina local. No Arraial Moura Brasil, em Pirambu e Mocuripe, tendo discutido, nesse último bairro, a respeito da Cooperativa das Labirintinas. Segundo nos referiu, ficou particularmente impressionada com a situação das famílias de Sítios Novos, onde um pai de família ganha Cr\$ 250,00 por mês. Como pode sustentar a mulher e os filhos, com a carestia assustadora, que é a mesma em toda a parte?

No Ceará, D. Branca teve ocasião de estudar o problema das escolas, discutindo a organização de um trabalho que permitisse maior ligação entre pais e professores.

### EM SALVADOR, UM DEBATE EM NUMEROSA REUNIÃO — DEFESA DOS VELHOS-CONFERENCIA SOBRE O CONGRESSO DE VARSOVIA — VISITA AO CORTA BRAÇO

Num debate com numerosa assistência de mulheres de todos os bairros, D. Branca pôde ouvir as experiências e incentivar os trabalhos da União Feminina da Bahia.

Realizou uma Conferência sobre o Congresso de Varsovia na Associação dos Empregados do Comércio, sob o patrocínio da União Feminina da Bahia e do Movimento Bahiano dos Partidários da Paz.

Foi visitado o bairro de Corta Braço, onde as mulheres faziam perguntas a D. Branca, sobre os problemas locais, pedindo orientação.

### OS TRABALHOS PARA O CONGRESSO

Em todas as assembléias e debates, a presidente da F.M.B., apresentou a importância e os objetivos do I Congresso Nacional Feminino, ensinando às mulheres como organizar os trabalhos, as assembléias, e de que maneira deviam ser eleitas as delegadas.

A União Feminina da Bahia distribuiu amplamente um manifesto, convidando às mulheres bahianas, para participar da II Convenção das Mulheres Bahianas, que será realizada nos dias 18, 19 e 20 de julho, Caravanas estão percorrendo o interior, ajudando no trabalho de realização das assembléias.

A Federação de Mulheres do Ceará fará a Convenção Estadual no dia 22 de julho e caravanas estão percorrendo o interior.

Em Pernambuco, onde D. Branca esteve mais rapidamente, grande atividade está desenvolvendo a Federação de Mulheres de Pernambuco, em função do Congresso.



## NOSSA HOMENAGEM A Da. ALICE TIBIRIÇA'

D. Alice Tibiriça, como bem disse o Dr. Sinval, representante da Liga de Defesa das Liberdades Democráticas, no ato realizado pela Federação de Mulheres do Brasil, na Associação Cris-



D. ALICE TIBIRIÇA

tã de Moços, a 18 do corrente, 1.º aniversário da morte de D. Alice, bem poderia ter sido uma dama do regime, pela sua inteligência e pela sua simpatia. Mas, continuando que disse aquele advogado, D. Alice preferiu a companhia de suas irmãs espalhadas por todo o Brasil, guiando-se na luta pelos seus direitos. E, em vez de uma grande dama no sentido social e mundano, foi uma grande lutadora. E, por isso, que D. Alice merece a homenagem de todos aqueles que a conheceram ou que souberam de suas ações, organizando as mulheres, defendendo as injustas naturais de nossa Pátria, defendendo a Paz, a cuja defesa dedicou os últimos tempos de sua vida, mesmo quando a dorça de que foi vítima apresentava seus sintomas.

A essa homenagem, à homenagem que lhe prestou a Federação de Mulheres do Brasil, com a presença de sua presidente, sra. Branca Fialho, da representante da Sociedade de Amparo ao Psicopatas, da Associação Feminina do Distrito Federal e diversas organizações locais, de sua filha Dra. Maria Augusta Tibiriça Miranda, esse jornal se associa num preito de saudade.

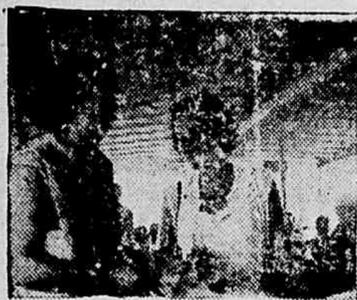
A essa homenagem, à homenagem que lhe prestou a Federação de Mulheres do Brasil, com a presença de sua presidente, sra. Branca Fialho, da representante da Sociedade de Amparo ao Psicopatas, da Associação Feminina do Distrito Federal e diversas organizações locais, de sua filha Dra. Maria Augusta Tibiriça Miranda, esse jornal se associa num preito de saudade.

# Meio Milhão de Assinaturas ao Congresso

Intensifica-se em todo o território nacional a coleta de assinaturas por um Pacto de Paz entre as Nações. Esse documento onde os povos do mundo colocam suas assinaturas contra a guerra, anda correndo às fazendas, as fábricas, os morros, as filas de ônibus, pelas mãos das mulheres.

**QUASI QUARENTA MIL ASSINATURAS** — No Distrito Federal já foram obtidas quase quarenta mil assinaturas, por intermédio das sócias da Associação Feminina do Distrito Federal. As mulheres cariocas têm sido incansáveis. Os comandos são feitos diariamente e os domingos inteiros dedicados à coleta.

**FLAMULA «ALICE TIBIRIÇA»** — A Associação Feminina do Distrito Federal instituiu, em homenagem a Da. Alice, um curso de assinaturas, concedendo uma flamula, com o nome daquela lutadora, à organização de bairro que maior número de assinaturas conseguisse. O 1.º lugar coube à Liga Leopoldinense. Em 3 dias coletaram quase 3.000 assinaturas, das quais 450 por intermédio de um Comitê Infantil organizado naquele bairro. Além da coleta em comandos, foram individualmente às quitandas, aos carvoeiros, aos armazéns. Em vez de fazer as compras de casa numa só quitanda, fazem em diversas quitandas, e freguezes e quintandeiros vão assinando



## O POVO QUER VIVER EM PAZ

**LENA**  
**“Não deixarei meu filho ir para a guerra” — “Desejo que esta campanha seja vitoriosa” — As mães assinam em defesa de seus filhos**

O dia amanheceu claro, céu limpo, de um azul maravilhoso. Tomamos uma barca para Niterói. Estava repleta, as pessoas estavam com as fisionomias alegres, talvez contagiadas pela beleza do dia. Sim, o ambiente era de tranquilidade, havia crianças com as mães, conversando e rindo. Justamente por isso, para assegurar essa tranqüilidade no futuro, iniciamos a coleta de assinaturas pela Paz.

A reportagem de «Momento Feminino» nessa ocasião teve oportunidade de ouvir a opinião de algumas senhoras que já tinham assinado o Apêlo pela Paz.

Ouvimos primeiro D. Nair Mandarin:

— Esta campanha pela Paz é digna de elogios. O mundo inteiro está em revolta e isso me entristece; já morreu tanta gente na outra guerra! Desejo que essa campanha seja vitoriosa e que a minha assinatura contribua para isso.

Agradecemos sua atenção e conseguimos, ouvimos d. Alice Ferraz.

— Já dei minha assinatura, pois nada é mais justo. Tenho um filho mocinho e não quero que ele vá para a guerra. Como todas as mães, desejo Paz no mundo para evitar maiores sofrimentos. Não criamos nossos filhos para vê-los morrer em outras terras e, sim, para que eles prosperem e sejam felizes perto de nós.

— D. Alice, em nome do «Momento Feminino»

agradecemos sua valiosa colaboração.

A barca estava chegando e todos já iam desembarcar.

A seguir, a reportagem de «Momento Feminino» dirigiu-se à Parada de Lucas, ouvindo, também, aí, opiniões bem interessantes.

O Sra. Maria de Lima declarou:

— Tenho 8 filhos, sendo que um já foi chamado a servir. Eu sei como é essa história. Esses homens ricos fazem a fogueira e querem jogar os pobres no fogo. Não foi o americano que começou isso na Coreia? Então éle que se arranje, pois não deixarei meu filho ir para a guerra. Penso que todas as mães devem assinar para seus filhos não irem. Queremos Paz!

curso de assinaturas, concedendo uma flamula, com o nome daquela lutadora, à organização de bairro que maior número de assinaturas conseguisse. O 1.º lugar coube à Liga Leopoldinense. Em 3 dias coletaram quase 3.000 assinaturas, das quais 450 por intermédio de um Comitê Infantil organizado naquele bairro. Além da coleta em comandos, foram individualmente às quitandas, aos carvoeiros, aos armazéns. Em vez de fazer as compras de casa numa só quitanda, fazem em diversas quitandas, e freguezes e quintandeiros vão assinando

**PACIÊNCIA E ESCLARECIMENTOS** — Numa casa do bairro de Leopoldina (D. Federal), a sra. não quis assinar e a coletora aceitou a recusa sem discutir. Mas, a que veio depois, insistiu, e começou a conversar, a explicar, esclarecendo a respeito do documento. Como demorasse, as outras voltaram apreensiva e com surpresa encontraram numa fila para assinar o apêlo, 17 pessoas da casa, sem faltar uma.

**NUMA FESTA RELIGIOSA** — As mulheres de Vila Isabel (D. Federal), compareceram à festa de Santo Antonio, participaram dos festejos e ofereceram uma prenda para o leilão da igreja. Tiveram, assim, ocasião de usar o microfone e falar sobre a Paz. Coletaram grande número de assinaturas.

## Quem ocupa o 1.º Lugar?

Em todos os cantos do nosso enorme país, as mulheres caminham dias inteiros, batem de porta em porta, seguem as ruas e estradas, sobem os morros, percorrem as feiras em busca de assinaturas pela Paz. E assim, as listas se enchem com nomes e mais nomes.

Muitas têm filhos, casa para cuidar, outras trabalham fora todo o dia; mas, mesmo essas, à noite, aos domingos, largam tudo e correm as ruas, colhendo as assinaturas para a Paz.

A Federação de Mulheres lançou uma emulação fraternal entre todas as mulheres. Aquelas que colherem maior número de assinaturas no menor prazo, aquelas que organizarem maior número de grupos coletores e de comitês infantis, ganharão prêmios, por seu amor à paz,



mero de assinaturas entre a multidão presente.

**MENINOS FLUMINENSES** — Em Niterói, Estado do Rio, 8 meninos do morro do Estado colheram 850 assinaturas, destacando-se a menina Marlene, que recebeu uma boneca de presente.

**COROADA UMA PRINCESA DA PAZ** — A cidade de Firminópolis, Goiás, encheu-se de bandeirolas e faixas, com saudações à Princesa da Paz, srta. Maria José de Campos, coroada pelo Prefeito local, num grande baile, depois de falar aos presentes da necessidade da luta pela Paz, por um Pacto de Paz entre as nações.

**DELEGADAS DE PAZ** — Dentro dos trabalhos preparatórios do I Congresso Nacional Feminino, está sendo desenvolvida a campanha da Paz, de acordo com o temário apresentado

do pela Federação de Mulheres do Brasil. Em Goiás, no Espírito Santo, no Distrito Federal e São Paulo, determinado número de assinaturas conseguido individualmente é uma credencial para delegada ao Congresso.

E, assim, prossegue vitoriosa a campanha, porque é a vontade da Paz

## LEITORA AMIGA:

Este é o Apêlo que foi lançado ao mundo pelo Conselho Mundial dos Partidários da Paz. Ele é dirigido a todos os homens e mulheres de boa vontade, que desejam uma vida feliz para seus filhos e o bem estar nos seus lares.

Assine-o hoje mesmo, copie-o numa folha e vá colher as assinaturas de seus vizinhos, parentes e amigos. Preencha essas linhas e envie o recorte, bem como as listas, para a nossa Redação.

## A PÊLO DO Conselho Mundial da Paz

**ATENDENDO** as aspirações de milhões de homens do mundo inteiro qualquer que seja sua opinião sobre as causas que engendram os perigos de guerra mundial;

**PARA** consolidar a paz e garantir a segurança internacional; **RECLAMAMOS** a conclusão de um pacto de paz entre as cinco grandes potências: Estados Unidos da América, União Soviética, República Popular da China, Grã-Bretanha e França.

**CONSIDERAMOS** a negativa do Governo de qualquer das grandes potências a reunir-se para concluir esse pacto de paz, como evidência de desígnios agressivos por parte desse Governo.

**FAZEMOS** um apêlo a todas as nações amantes da paz para que apoiem a exigência de um pacto de paz aberto a todos os Estados.

**COLOCAMOS** nossas assinaturas ao pé deste Apêlo e convidamos a assiná-lo a todos os homens e a todas as mulheres de boa vontade, a todas as organizações que aspiram à consolidação da paz;

Adotado por unanimidade pelo Conselho Mundial da Paz durante sua reunião de Berlim em 25 de Fevereiro de 1951.

(Ass.) .....

(a) O Presidente  
 F. JOUHAN-VICAR

D. Federal	37.000
São Paulo	17.663
Pernambuco	11.234
Bahia	3.600
Ceará	3.600
Goiás	3.220
E. Santo	2.668
E. do Rio	2.432
Alagoas	819
Paraná	70
<b>Total</b>	<b>82.326</b>

Cada assinatura é um voto pela Paz.  
 A união dos povos do mundo inteiro é uma força imensa — ela será capaz de barrar a guerra e ganhar a Paz.

# CINEMA

Conhecíamos um velho marmorista de anjos para cemitérios, que costumava repetir sem que o soubesse, uma frase que mais tarde encontramos em FLOR DE PEDRA: — As pedras possuem alma... (o marmorista completava) e é preciso sabermos escolher a forma que cabe a cada alma encerrada em vários tipos de pedra. Para mim (continuava o marmorista), no mármore está guardada a alma dos anjos e o lugar de anjo é em cemitério ou em igreja.

que seguindo tal critério formal poderíamos pensar, então, estar no barro a alma do povo, porque no barro é criada a rústica beleza da cerâmica nordestina, com seus bozinhos enfeitados de flores, lembrando alguns poemas do poeta José Orindo, os sertanejos, os violeiros, os retirantes e todas as outras pequenas criaturas modeladas pelas mãos de artistas anônimos, vivendo e sofrendo as condições do meio ambiente econômico e social.



VLADIMIR DRUZHNIKOVA, desempenha o papel de escultor no filme, a Principal Figura

Esquecia o velho marmorista que até ditadores, prefeitos ou demônios já foram esculpidos em mármore. Porém, como o seu temperamento era envolvido pela atmosfera dos cemitérios e das igrejas evitávamos polêmicas, dizendo

Se o pobre marmorista estivesse vivo (em seu túmulo, com certeza, não há anjo), leva-lo-íamos para assistir a FLOR DE PEDRA e sairíamos do cinema discutindo em torno de Pedra e Barro. Ele, pensando nos anjos de

mármore, tomaria o partido da FLOR de pedra fechada no engocentrismo de uma gruta, triste como um cemitério, e nós, o de Flor que está nascendo plantada pela mão do homem na terra.

«FLOR DE PEDRA», filme soviético, dirigido por Alexandre Ptushko, terá sua reprise dentro de poucos dias nos cinemas do Rio. Tem como principais personagens: Danilo (Vladimir Druzhnikov); Fada (Tamara Makarova) e Katia, a noiva (Elena Derevschikova). O filme nos conta, em linguagem infantil, uma antiga lenda russa, onde podemos sentir os ensinamentos morais esculpidos pela sociedade socialista. Eis, rapidamente, sua história: Havia, uma vez, um velho escravo artesão, que esculpia para um orgulhoso senhor aristocrata objetos de pedra (como marmorista dos anjos) e, sentindo-se fraco, ensina ao jovem pastor Danilo a difícil arte de arrancar da pedra as formas vivas da natureza. Contudo,

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Elena Derevschikova, a linda estrela de «Flor de Pedra», é a boa «Fada da Montanha»



## FLOR DE PEDRA

YOLANDINO MAIA

não satisfazia ao temperamento sonhador de Danilo o seu primeiro jarro de pedra em forma de flor, porque a Beleza já havia plantado em seu coração a imagem de sua máxima criação: uma FLOR DE PEDRA que possuísse a eternidade do granito e a fragância nascente mortalidade de uma verdadeira flor.

Um dia Danilo consegue ver a fada da montanha de Cobre, uma encantadora senhora muito poderosa no reino mineral. E Danilo abandona sua noiva Katia, seus amigos e seu humilde artesanato, para esculpir na gruta da

montanha a flor de pedra de seu sonho. Consegue o seu ideal de artista torturado: Enorme e fosforescente florin a sua FLOR DE PEDRA. Porém, Danilo não é feliz, porque sua FLOR será contemplada apenas, por ele e pela Fada, no segredo do ventre da montanha. E Danilo volta do sonho para a vida, certo de que o artista não deve fugir à sua função humana e social.

Resumindo, eis a mensagem de «FLOR DE PEDRA»:

Arte para a Vida e para o Povo.

Coitado do velho e pobre marmorista: ganhava o seu pão de cada dia esculpindo anjos de mármore para o silêncio da morte.

Continuamos a preferir a cerâmica nordestina.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

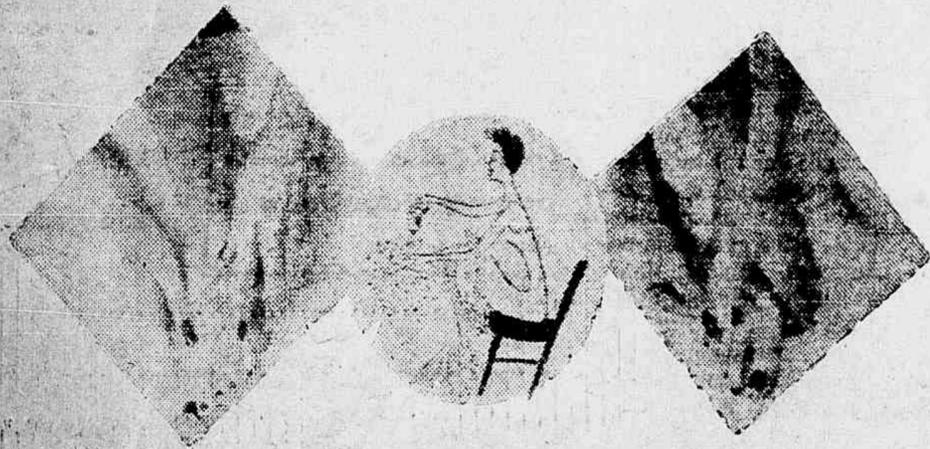


NIKOLAI TEMYAKOV, é o velho mestre que diz que «toda pedra tem uma alma»

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

## Confôrto e Beleza dos Pé.

MARGARIDA



Ao tomar banho, lave seus pés com sabão e esfregue-os bastante com uma escova. Não se esqueça de passar pedra póme nos seus calcanhares a fim de remover toda aspereza. Para evitar a humidade do banho, polvilhe todo pé com talco, principalmente entre os dedos. Ao deitar, faça uma ligeira massagem com o dedo polegar, de cima para baixo, lavando os pés em seguida em água quente. Para as rachaduras dos calcanhares, é necessário um especial cuidado. Junte uma colher de água originada à água quente. Bata em um recipiente um pouco de óleo, azeite, ou creme,

Preste muita atenção ao comprar um sapato aberto e principalmente o chinelo. Veja se não está pequeno para seu pé. Além de ser muito deslegante um pé fora do sapato, com o tempo seu calcanhar vai criando uma calosidade na base, começando a rachar. No verão, ao comprar um sapato fechado procure um número um pouco maior pois nos dias de calor, os pés tendem a inchar, produzindo calos e bolhas d'água. O desconforto dos pés produz ao longo do dia de cansaço. Para os pés chatos, joanetes e unhas enroscadas, recomendo as nossas amigas e procurem um pedicure de confiança. Peço às leitoras que me escrevam para o endereço do Jornal solicitando conselhos de beleza, receitas e me enviem também suas idéias, suas sugestões.



# PARA OS



Original casaco de lã grossa. Na frente, grandes botões em cor escura. Atrás,



Blusa de mangas compridas em seda branca. Preguinhas arrematadas com gracioso babado.



## DIAS FRIOS



Elegante e prático costume em lã quadrada.



### COZINHA

#### VIRGINIA

xando-os refogar mais um pouco. Retire do fogo misture 4 colheres de queijo ralado, 4 ovos bem batidos e uma xícara de leite, procure amassar os miolos com um garfo. Despeje tudo num prato que possa ir ao forno, polvilhe com farinha de rosca, espalhe em cima uns pelotinhos de manteiga e leve ao forno quente. Sirva no próprio prato.

**BIFES DE FIGADO** — Corte o fígado em bifés, temperando-os meia hora antes de fritar, com caldo de limão, sal e alho. No momento de servir frite os bifés em frigideira com um pouco de gordura quente, deixando corar dos dois lados. Sirva-os bem quente com molho de cebolas fritas feito na mesma frigideira.

**MIOLOS ENSOPADOS** Refogue numa panela de gordura ou azeite umas rodelas de cebola, sal, alho, socado, tomates, cheiro verde e depois de dourados junte o miolo, já limpo, em pedaços lavado com limão. Abafe para que o miolo cozinhe em fogo brando, depois deite água suficiente para amolecer.

**FRITADA DE MIOLOS** — Lave e limpe dois miolos e cozinhe-os em água com sal e caldo de limão. Deixe esfriar cortando-os depois em pedacinhos. Faça um refogado com uma colher de manteiga, bastante cebola batidinha, tomates, sal, pimenta do reino; junte os miolos já picados de-

#### DOBRADINHA OU BUCHADA

— Limpe com limão, bom peso de bucho fresco, tripas, coalheira, etc. Corte em pedaços pequenos, depois bote para cosinhar em água e sal. Depois de amolecido faça um bom refogado: gordura quente, pimenta do reino, louro, alho, e cebola e quando estiver tudo bem refogado junte umas batatas cortadas.

**RIM NO ESPETO** — Limpe um rim de bom tamanho, tire todo sebo, deixe-o de molho em água com limão, cortando-o, depois, em pedaços e preparando com sal, alho socado, pimenta do reino e caldo de limão. Pique, também, em pedacinhos de toucinho fresco e toucinho defumado. Leve a assar na brasa até tomar cor. Caso seja difícil assar na brasa, enfie do mesmo modo o rim com os toucinhos, em papitos e frite na frigideira.

#### SOBREMESA

**PUDIM DE BANANAS** — 280 gramas de açúcar, 400 gramas de bananas cozidas e passadas na peneira, 8 ovos, 100 gramas de manteiga, a raspa de um limão e um pouco de canela em pó. Bata os ovos como para pão-de-ló, junte o açúcar, a massa de banana, a raspa do limão e a canela. Misture bem e despeje



Lindo vestido quadrado. Blusa enfeitada com fita branca e botões.



je em forma untada de manteiga e leve ao forno quente.

**DOCE DE LEITE** — Ferva um litro de leite com um copo de açúcar. Deixe ferver junto, mexendo sempre para não embolar, até ficar uma pasta





## ANISTIA PARA ELISA BRANCO

Com a assinatura de 200 personalidades, líderes estudantis, senadores, deputados, intelectuais, foi lançado um documento ao povo brasileiro, no sentido de ser conseguida uma ampla lei de anistia para todos aqueles que se encontram presos, condenados, processados ou perseguidos por delitos de opinião. Entre os condenados está Elisa Branco que não cometeu, aliás, nenhum crime, mesmo um daqueles supostos crimes, constantes da Lei de Segurança, feita sob medida para o regime fascista do Estado Novo, porque empunhar uma faixa com os dizeres: **Os soldados nossos filhos não irão para a Coréia**, não é subverter a ordem, mas desejar que a ordem e a tranquilidade reinem em todos os lares.

É preciso, pois, que, dentro dessa grande campanha, as mulheres que são contra as perseguições e as vinganças, coloquem a figura de Elisa Branco, desenvolvendo um grande trabalho pela sua libertação.

Só em São Paulo, 20.298 cidadãos se pronunciaram exigindo a liberdade da Elisa.

Comissões devem ser criadas, sua biografia deve ser distribuída em todos os lares, para que todas as pessoas conheçam a sua história e participem da luta pela sua liberdade. Esse é um dever de solidariedade de todos os patriotas de Elisa, das mães de famílias empenhadas na defesa da vida de seus filhos.



## PROPOSTA DE PAZ

O Sr. Jacob Malik, delegado soviético à ONU e atualmente presidente do Conselho de Segurança, propôs no dia 23 de junho, através de um programa telefônico da ONU e sob o título «O projeto da paz», a cessação imediata da guerra na Coréia.

Por isso, a proposta de Paz apresentada pela União Soviética veio encerrar de esperança o coração das mulheres brasilei-

ras, agora que está iminente a ameaça do envio imediato de jovens brasileiros para morrerem na Coréia. Foi essa mais uma demonstração das aspirações pacíficas do povo soviético. Disse o Sr. Malik num dos trechos de seu discurso:

«A URSS continuará a luta pelo reforço da paz e para conjurar a guerra mundial. Os povos Conclui na 10.ª página

# CARTA DE UMA MÃE AO JUIZ QUE CONDENOU ELISA BRANCO

Eu, esposa e mãe, venho, diante de tamanha injustiça! da liberdade de seus filhos, em nome de todas as mães e E só nos acode uma palavra: dos vossos e da humanidade, esposas, dirigir um protesto liberdade para essa brava inteira, contra a ignobil sentença que mulher. E todas as mães, sem Não descançaremos en- destes a nossa companheira distinção de classe, de credo quanto o sol da liberdade não para luta contra a guerra, que e de cor, unimos nosso grito beijar o rosto dessa mãe, mu- ameaça destruir nossos lares ao de Elisa, repetindo: NOS- lher e patriota, cujo unico cri- matar nossos filhos, por quem SOS FILHOS NAO IRAO me foi dizer a verdade que dermos o nosso sangue eto- PARA A COREIA. Nossos gostareis de dizer se pudes- do nosso carinho. filhos fracos e desnutridos, seis.

Exigimos a liberdade de criados sem pão, sem instru- Exigimos a liberdade de Elisa Branco, porque ela não ção e conforto, não darão seu Elisa Branco, porque nós merece o cubículo sujo e ni- próprio sangue, nem irão de- mães caminharemos juntas seravel, mas o distintivo de ramar o sangue dos inocentes. em defesa de nossos filhos heroina. Qual o crime que Sr. Juiz, deixai calar vos- de nossos lares. inescrupulosamente lhe atri- so orgulho, vossa maldade e Sr. Juiz, contra a verdade buem? Por que atiram-na nu- presunção! Deixai por alguns nenhum tribunal rode fazer ma cela como criminosa? instantes falar bem alto a velar a mentira. Por que foi condenada a i voz de vossa consciencia! Liberdade para Elisa Bran- longos anos de prisão? Ela vos dirá: Que vosso é o crime de condenar uma mãe co! grande monstruosidade! O heroica e inocente, uma mãe sangue nos ferve nas veias que desafia a morte em troca Uma mãe — Joana D'arc



## Nem para a Coréia, nem para a Europa

O embaixador dos Estados Unidos, no Brasil, Herschell Johnson, acaba de comunicar ao Itamarati (Ministério das Relações Exteriores), a exigência de seu governo, «remessa de tropas para a Coréia», ao que respondeu o sr. Pimentel Brandão: «O nosso país decidirá os termos de nota» (publicado no vespertino carioca «O Globo», a 23 do corrente).

Decidir o que? Arrebatam nossos filhos, nossos maridos, nossos irmãos para a morte? Mas, isso não raro, porque as mulheres tomarão conta das ruas, serão como uma muralha diante dos navios, onde pretenderão conduzi-los. O país não foi agredido. Não existe um só soldado co-

reano fora da Coréia, nem mesmo na América do Norte, que está fazendo não apenas uma guerra de agressão na Coréia, mas um massacre. Não tivemos nossos filhos para que morram ou matem seus irmãos, por outros homens que desejam enriquecer ainda mais, fabricando armas de guerra.

Por que, também, mandá-los para a Europa? Que país europeu nos agrediu? Não, os nossos entes queridos ficaram conosco, em nossas casas, defendendo-as da morte e da fome.

No inquérito sobre o envio de tropas que está sendo feito pelo vespertino carioca «Ultima Hora», artistas, es-

critores e populares vêm se manifestando contra essa medida, cujo significado as mulheres compreendem. Dulcina de Moraes, a grande atriz patricia, assim se manifestou: «absolutamente não devemos enviar tropas brasileiras para a Coréia ou outra qualquer parte de globo. Sou francamente favorável ao bom entendimento entre todas as nações. Nem uma só arma e nem um só homem deve ser enviado para matar seus irmãos. Temos que conviver uns com os outros. Ao invés de viverem para matar, os homens deveriam fazê-lo para pregar o amor». Moças inqueridas na rua, assim se manifestaram: «Precisamos de paz e sossego» — «Ainda não

esquecemos nossos pracinhas sacrificados há tão pouco tempo em Montese e Castelnuovo» — «Sou contra a guerra por isso contra o envio de tropas».

A remessa de tropas não é mais uma ameaça distante. Ai está. As mulheres cabe, especialmente, a responsabilidade pela sobrevivência da mocidade de sua terra. Protestos públicos devem ser organizados, cartas devem ser escritas aos senhores deputados e senadores, principalmente aqueles que traem seus eleitores, pronunciando-se a favor da guerra, cujas nomes devem ficar nas mentes de todas as mães: Lima Filgueiredo, Rui Santos, José Augusto, Euclides Vieira, que devem formar um batalhão com seus próprios filhos e parentes.



## DE LÍDICE À COREIA

Dos campos de concentração ao massacre e à tortura — Mulheres com os seios cortados e estacas enteadas nos ventres — Cabeças de crianças que servem de alvo — Rios que se tingem de sangue — Horror, Justiça e Solidariedade

No dia 10 de junho de 1942, os monstros nazistas destruíram a aldeia tcheca de Lídice. Os homens foram mortos. As mulheres conduzidas para os campos de concentração, onde a maioria não sobreviveu e as crianças levadas para a Alemanha. A aldeia foi queimada. As cinzas da aldeia de Lídice, as lágrimas das mães, o horror e a cólera que encheram os corações dos povos do mundo inteiro, caíram como uma maldição sobre a vida dos monstros e sobre a empreitada de morte que eles empreendiam. Foram derrotados. Muitas crianças que nasceram depois daquele dia sinistro foram chamadas de Lídice. Muitas cidades receberam, também, o nome da aldeia tcheca. Algumas mulheres voltaram ao local onde tinham vivido com seus maridos e seus filhos, com pais e irmãos. E Lídice ressurgiu. Trabalhadores de diversos países ajudaram na reconstrução de Lídice, que é um símbolo da história da humanidade, que, sejam quais forem os sacrifícios, destruirá a bestialidade e o ódio, caminhará para o progresso e para o estabelecimento da Paz.

Mas, são passados nove anos e a bestialidade e o ódio não foram sepultados, como muitas pessoas pensavam, nas ruínas de Berlim, com a derrota militar do nazismo. As cenas monstruosas repetem-se na Coréia. Não é uma aldeia destruída, são aldeias inteiras. Não são homens sumariamente fuzilados. São homens assassinados pela tortura. A um homem, chamado Pac Don Sam, os americanos cortaram as mãos e os pés e o enter-

raram vivo. A outro, chamado Pa Den Cik, cravaram um prego no nariz e o arrastaram por dois dias pelas ruas de Hwvanju. Em Pyong-Yang, diante da multidão estupefacta, cortaram as mãos de quatro camponeses.

Na Coréia, as mulheres não são levadas para campos de concentração. Em Kenji, centenas de mulheres tiveram os seios cortados. Em Pyong-Yang, foram violentadas 885 mulheres casadas e 515 moças. A presidente do Comité Cantonal de Mulheres do Distrito de Chu Khva, a sra. Or Tcham Kym foi despida, amarrada a um poste, atirada à água gelada e no outro dia fuzilada. Uma mulher da aldeia de Dilen teve os seios cortados. Os filhinhos que ela amamentava morreram de fome e só depois de mortos é que sua mãe foi fuzilada. Na localidade de Loisanri, prenderam a camponesa Ro Sen Pu, perfuraram seu nariz e suas orelhas com arame, amarraram-na em uma árvore de cabeça para baixo e cravaram uma estaca em seu ventre.

As crianças da Coréia não são levadas para a América do Norte. São fuziladas e torturadas. Na aldeia de Sam-o os norte-americanos esmagaram os crâneos das crianças que procuravam os cadáveres de suas mães. O rio Tngang ficou vermelho de sangue das crianças metralhadas. Mil crianças, com menos de 5 anos, foram fuziladas na provincia de Hwanhe. Na aldeia de Phanpolsi, os soldados norte-americanos organizaram uma caçada às crianças. Escolheram 12 crianças de 5 a 8 anos de idade e enterraram, deixando as cabeças de fora. Em seguida fizeram um concurso de tiro ao alvo, escolhendo como objetivo as cabeças das crianças ainda vivas.

Não existem palavras que possam exprimir o horror diante desses fatos que têm sido contados a ONU, através de farto documentário e que, mais uma vez, estão sendo comprovados, agora, por uma comissão da Federação Democrática Internacional de Mulheres, integrada por mulheres de diversos países, que está visitando a Coréia. Esses fatos devem ser contados a todas as criaturas, para, juntas, lutar contra essas monstruosidades, pela cessação da guerra na Coréia, contra qualquer auxílio aos assassinos de mulheres e crianças, através de verbas ou homens, pelo julgamento dos responsáveis por tais monstruosidades, em nome da dignidade humana, em nome da solidariedade que deve existir para com os grupos humanos acossados pelos sofrimentos, pelas torturas, pela vergonha, pelos massacres, pela destruição, em nome das mães e das crianças vítimas do crime, para que a Coréia, como Lídice, ressurgja das cinzas e volte a ser o que foi de 1945 a 1950 — a PAIS DA MANHÃ TRANQUILA.



Comissão pró creche do IBGE

★ A Creche ★

Entre os inúmeros problemas sociais, o da criança é um dos que merecem maior estudo e pronta solução. O regime capitalista não trouxe consigo somente a exploração do homem. Trouxe, também, a de sua mulher e a de seus filhos.

Vemos, hoje, a mulher escravizada à empresa de trabalho durante todo o dia, enquanto os filhos ficam abandonados.

Na Inglaterra, apesar dos bombardeios nazistas, morreram menos crianças, em todos os anos de guerra, do que as falecidas anualmente, e o tempo de Paz, no Brasil. São 300.000 crianças que o país perde todos os anos, antes de completarem um ano de idade. E, no entanto, desde 1946 a nossa Constituição assegura o amparo à maternidade e à infância.

Trabalho comunicou que a Divisão de Higiene e Trabalho estudava a possibilidade de promover a instalação no centro comercial do Rio de Janeiro de uma ou mais creches. E, até hoje, três anos depois, continuam as comerciárias trabalhar em situação angustiosa, sem saber que destino trão seus filhos, abandonados na primeira infância, quando o alimento natural é o alicerce principal do futuro homem.

As industriárias sofrem as mesmas preocupações, pois apesar da lei trabalhista garantir que no local de trabalho onde haja mais de

anos seja obrigada a instalação de uma creche, vemos a própria lei não ser cumprida a não ser em duas ou três fábricas.

As funcionárias, na sua maioria, com ordenados cujos dados oficiais informam não estar equivalente a um terço do custo de vida atual, se voltam para seus problemas, encarando a situação como das mais sérias e urgentes da nossa época.

Dois ou três existentes no centro da cidade não atendem absolutamente à necessidade da mulher que trabalha fora do lar.

No Ministério da Fazenda trabalham 1043 mulheres no D. Federal. Sendo a maioria dos servidores do sexo feminino e portanto onde o problema é mais sentido, foi feito um memorial assinado pelas funcionárias.

No Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a Comissão Pró creche encaminhou ao Diretor um memorial acompanhado de um orçamento e uma planta, tendo a Direção formado uma comissão para estudo do assunto.

No DASP, um grupo de nove mães solicitaram, também, a instalação de uma creche.

Como vemos, as mulheres que trabalham fora do lar começam a compreender a necessidade de se unirem para estudo de seus problemas e começam a compreender que a solução dos mesmos depende delas próprias, através de sua união e organização.

Realizou-se, no mundo inteiro, na primeira semana de junho, a Jornada Internacional da Criança.

Incluída em um dos pontos do temário do I Congresso Nacional Feminino — a defesa da criança —, essa jornada vem continuando em nossa terra, através dos trabalhos preparatórios do Congresso, com discussões que visam o amparo às crianças menos favorecidas e organização de associações com esse fim.

Em nosso país, onde o índice de mortalidade infantil é aterrador — por exemplo, tomando o índice 100, em Pernambuco morrem 12 crianças, no Rio Grande do Norte 59, no Ceará 50, antes do primeiro ano de vida, para citar só alguns Estados — é necessário que as mães se unam em defesa do direito de vê-los criados frequentando escolas, protegidos por cuidados médicos. . . .

Muitas mães, que vêem seus filhos sofrendo, em quanto sonham com um mundo de felicidade para eles, não de indagar: Como viverão as crianças nos outros países? Como viverão, por exemplo, num país socialista, na União Soviética? Serão felizes?

Essas são, apenas, algumas notas, para responder às mães brasileiras, sobre a vida das crianças na União

No último verão funcionaram mais de 6.000 campos de pioneiros, onde 6 milhões de crianças passaram suas férias e onde 70 mil professores e médicos realizam interessante trabalho e protegem a saúde dos pequenos.

Sobre o Mar Negro funcionava um verdadeira cidade infantil com todas as comodidades possíveis, onde repousam anualmente 12 mil crianças. É o lugar de repouso preferido pela meninada. Esse é um dos 2 mil campos permanentes de repouso para crianças.

Existem, também, sanatórios e casas de repouso «A mãe e a criança», onde os meninos passam as férias com as mães.

Durante as férias são organizadas «casas de repouso flutuantes», são grandes barcos confortáveis, especialmente preparados que percorrem o rio Volga. Os barcos fazem escala nos portos e cidades e as crianças visitam os monumentos e lugares celebres.

E as crianças, cheias de vitalidade e nérgia, bem repousadas, tostadas pelo sol, voltam às suas classes, para alegria de seus pais, com seus êxitos escolares.

O Menor Trabalhador, Essa Aberração

EMILE KAMPRAD

O problema da infância, depois da segunda guerra mundial, apresenta, ainda, maior gravidade, pois todos sabem que se a tremenda hecatombe passou, os sofrimentos das crianças continuam e se agravam dia a dia. Já se disse com muita verdade que «as crianças desta geração não sabem o que é a infância».

A proteção da infância não significa, entretanto, assistência social e sanitária, apenas. Hoje, as nações democráticas realizam também mudanças no sentido educacional, e neste particular, as mulheres já estão participando ativamente e auxiliando nessa transformação.

Lembramos, por exemplo, a situação ainda precária e infeliz do menor trabalhador — anomalia social que prevalece nos países politicamente débeis, onde os pais trabalhadores não têm a garantia de um mínimo vital que lhes assegure a subsistência dos filhos.

O problema do trabalho do menor, encarado sob os dois aspectos, o individual e o social, impõe constatações das mais importantes e as razões são as mais evidentes: o trabalho do menor impede seu desenvolvimento normal e harmônico; a convivência com adultos dá-lhe uma mentalidade em desacôrdo com a idade e é causa de graves conflitos psíquicos e nervosos.

Quanto ao aspecto social do problema, é excusado dizer que o trabalho do menor impede a formação de muitos técnicos, intelectuais, artistas e operários qualificados, assim como a revelação de altas qualidades de inteligência e dons naturais. Quanto cidadãos capazes de servirem à sociedade e à pátria num plano superior por serem bem dotados, permanecem infernalizados por falta de possibilidades sociais e de ensino adequado.

Trabalham na indústria do Distrito Federal 13.500 menores. Numerosas são as causas de desconforto que afligem os operários, sobretudo os menores, nos meios industriais. Encontramos em uma fábrica têxtil alguns menores que faziam o mesmo serviço de adultos e percebiam um mísero salário de Cr\$ 1,00 a hora. Relataram que, além desse absurdo, eram obrigados a trabalhar correndo, sempre sob ameaça de suspensão e que qualquer protesto sobre seu estado de cansaço significava aquela medida.

ANIVERSARIOS

ABRIL 1.º — Completou 10 anos a menina Lygia, moradora à rua Monte Alverne, em Niterói (E. do Rio).

3 — Vanira Vieira Pólvoira, brilhante aluna do Colégio Benjamim Constant em Niterói (E. do Rio).

19 — Vita de Paula Campos, representante de «Momento Feminino» no Estado do Rio.

MAIO 19 — GERALDA MENDES, valorosa partidária da Paz, de Niterói (E. do Rio).

20 — Geni Batista dos Santos completou 13 anos.



MARIA NILZA PIRES



VERONICA, filha de Afonso e Deninha Moyalhões

Sociais

22 — Lúcia, filha de Carlos e Glória Teixeira Menezes, 1.º aniversário.

JUNHO 14 — Aniversário de nossa representante em Andradina (S. Paulo).

19 — Sara Dib Ide, auxiliar deste jornal.

Completou, também, seu primeiro aniversário a menina Lúci Ferreira Menezes, filha do casal Carlos Augusto Ferreira de Menezes e Glória Teixeira Menezes, de Realção (D.F.).

23 — Aloisio Silva, amigo de «Momento Feminino».

24 — Joana Batista do Nascimento, de Andradina (S. Paulo).

NASCIMENTOS

Nasceu no dia 4 de maio, Luiz Carlos, filho de Sóstenes Pereira de Barros e Ge-

ny Gonçalves de Barros. Luiz Carlos é o 12.º filho do casal. Enviamos parabens e votos de felicidades para o garoto.

14 de JUNHO — Nasceu a linda garotinha Denise, filhinha de nossa colaboradora Maria da Salete Werneck e seu esposo, sr. Nilo da Silveira Werneck. Parabens e votos de felicidade a Denise e seus papais.

JULHO — 3 Sra. Maria Nilza Pires, assinante de «Momento Feminino», na cidade de Iguat, Ceará. Parabens.

15 — Sra. Myra Rosa, grande lutadora das causas populares. Os cumprimentos de «M. Feminino».

17 — Completou 7 anos a garota Veronica, filhinha de nossos amigos do Ceará — Enviamos votos de felicidades.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

“EU VI AS DEMOCRACIAS POPULARES

Zora Braga passou pelas Democracias Populares. Andou pela Bulgária, Hungria, Polónia, Rumania. Não é um romance. Não escreveu coisas de sua imaginação. Contou o que viu. Contou a vida do povo, com toda honestidade. Fez uma reportagem real da vida e das coisas de países em reconstrução, sem ajuda de dólares e sem preparativos guerreiros. É o povo quem constrói a sua pátria. São as mulheres que trabalham. São as crianças que sorriem. Foi essa beleza simples dos países que marcham para o futuro, que impregnou as paginas da grande reportagem de Zora em seu livro «Eu vi as democracias populares».



JORGE, filho da senhora Maria Cariota Gerofe



MARINELA DE ALMEIDA, a menor das delegadas ao Congresso



Nossos amiguinhos: CARLOS, CLAUDIA, OLGA E JOÃO ALBERTO, filhos do sr. Antonio de Souza e da sra. Lazara, socia da Organização Feminina de Uberlandia (M. Gerais)



Sra. MYRA, amiga do nosso jornal

# NA FÁBRICA MANUFATURA FLUMINENSE

Reportagem de MARIA FELISBERTA

lavamos antes das 3 horas, o que não é direito, o que é ruindade desse exploradores.  
**FALTA DE RESPEITO — EMBORA DOENTES MANDA QUE TRABALHEM**

Uma das operárias pediu que protestássemos, através de «Momento Feminino», contra a falta de respeito de que são vítimas na fábrica. Certa vez o gerente entrou no vestiário da seção de teares sem avisar e tinha uma moça trocando de roupa. Os mestres xingam as operárias e já quiseram até bater numa jovem. Eles são tão ruins que um tal de sr. Luiz, contra-mestre geral, é apelidado de «cobra» e o sr. Abílio, contra-mestre da fiagem, de «surucucu». O médico é outro inimigo das operárias, que, muitas vezes, estão passando mal e ele as considera aptas para o trabalho. Na creche há pouquíssimas crianças.

**IMPOSTO SINDICAL — QUEREM TECIDO LIMPO E O FIO NÃO PRESTA — MULHERES QUE NÃO TEM O DIREITO DE TER FILHOS**

Como se vê, não existe qualquer espécie de conforto na Manufatura Fluminense. No entanto são descontadas desde 1946 no Imposto Sindical. Durante os anos de 1946 a 1949 o imposto sindical rendeu ao governo 83 milhões de cruzeiros. Como foi gasto? Em banquetes às autoridades, falsos congressos como o de Quitandinha, pagamento aos pelegos, e policiais, para repressão aos movimentos reivindicatórios dos trabalhadores.

Outra operária nos declarou:  
— Os patrões querem o tecido limpo e o fio não presta. Quando o tecido não fica bom, perdemos, muitas vezes 25 metros de pano e somos até suspensas. Trabalhamos em 3 máquinas e ganhamos a mesma coisa que trabalhando em duas. Eles não querem mais empregar mulheres casadas. a

A Manufatura Fluminense, que fica no bairro do Barreto, em Niterói (E. do Rio), tem cerca de 1.700 operárias, em sua maioria mulheres. Foi com essas mulheres que a reportagem de «Momento Feminino» esteve em contato, sentindo de perto a exploração de que são vítimas. Muitas trabalham por conta da casa, e recebem por dia Cr\$ 23,70, outras, por empreitada, e fazem uma média de Cr\$ 300,00 a Cr\$ 700,00 por mês. Mas vejamos, além do pequeno salário, o que mais sofrem as operárias de Barreto.

**DESCONTOS — ONZE DIAS DE SUSPENSÃO POR UMA FALTA**

Os pequenos salários sofrem, ainda, uma série de descontos, em vista das suspensões injustas. Uma jovem, por exemplo, foi suspensa por 11 dias, por causa de uma falta. E sabem por que faltou? Sua mãe estava doente. Era, portanto, um motivo mais do que justo. Forçam, assim, os donos da fábrica às operárias trabalharem todos os dias estejam ou não em condições de fazê-lo. O repouso remunerado, um direito assegurado na Constituição, graças às lutas dos trabalhadores, é concedido como um prêmio de frequência. Assim, as operárias têm que chegar três minutos antes de apitar. Quem tiver mais de 6 faltas durante o ano, em vez de receber 20 dias de férias, como de direito, recebe, apenas, 11 dias.

**IMPELIDAS DE BEBER AGUA — VESTIÁRIO SÓ NA SEÇÃO DOS TEARES — PÉSSIMAS AS CONDIÇÕES DE HIGIENE**

Uma operária com quem conversamos nos disse o seguinte:

— Na fábrica tudo é ruim. Não temos restaurante. Traze-mos a comida de casa e requentamos para comer no refeitório. Muitas vezes, quando abrimos a marmita, a comida está azeda. Vestiário só existe na seção de teares. As latrinas vivem sujas e antes de qualquer serventia é necessário ogar água. A Saúde Pública devia tomar providências. Além disso, fecham o registro e só abrem depois do apito para irmos embora, só para impedir de bebermos água ou nos

não ser que assinem um papel afirmando que não terão filhos. Isso aconteceu com uma senhora, que ainda por cima está trabalhando de graça, por experiência. Ficam observando as operárias para ver se estão grávidas, inclusive fazendo perguntas.  
**A QUESTÃO DO HORARIO — O QUE SERIA O HORARIO DE GUERRA**

O horário é um grande problema para todas as mulheres da fábrica. O atual horário é o seguinte: 1.ª turma — entra às 5 horas, com intervalo para almoço às 11 horas e saída às 15 horas; 2.ª turma — entra às 11 horas, com intervalo às 13 horas e saída às 21 horas. É absurdo o horário da 1.ª turma, que permanece 6 horas sem alimentação, sem direito até a beber café. Se bebem um gole de café frio é com a preocupação da penalidade. O desejo de todas é que volte o antigo horário: de às 15 horas, com intervalo às 10 horas e de 14 às 20 horas, com intervalo às 18 horas. No horário antigo a 2.ª turma trabalhava 7 horas; hoje trabalha 8 horas e recebe o mesmo salário. Um recurso de um grupo de operárias para pagamento dessa hora excedente já foi ganho no Superior Tribunal no Trabalho mas, até agora, não foi aplicado.

Essa é a vida das operárias da Manufatura Fluminense, em Niterói, vida de medo e de miséria, que só elas poderão modificar com a sua união, com as suas lutas, pelo direito da recompensa honesta ao trabalho, pelo direito de trabalhar com o estômago cheio, pelo direito de viver num ambiente limpo, moral e materialmente, pelo direito de usar e de ter filhos, de acordo com as leis da natureza, pelo direito de viver em Paz.

## ★ AS CAMPONESAS DE BATURITÉ ★

Reportagem de FERNANDA SIMÕES FERREIRA

A situação das camponesas na Serra do Baturité, no Ceará, é de extensa miséria, a exemplo do que aconteceu, aliás, nos demais municípios de nosso Estado. No centro da Serra propriamente dita a cultura básica é a do café, e assim sendo, as camponesas só têm trabalho no verão, na época da colheita, sendo forçadas a passar os seis meses restantes sem nenhum trabalho com que possam auxiliar a manutenção dos seus lares.

As condições de trabalho durante a colheita do café são as piores possíveis, dada não só as condições do terreno em que trabalham, quase sempre em morro íngremes, como pelo horário escorchante de 10 a 12 horas de trabalho, exigidas pelos gananciosos donos de cafezais. Desta forma, iniciam o trabalho às 6 horas da manhã, e ele se prolonga muitas vezes até 6 da tarde, mal tendo tempo para almoço, que se resume a

um pedaço de rapadura, farinha e bananas, no próprio local de trabalho.

formigas, maribondos e espinhos, além de suportarem as chuvas que caem geralmente

Há 4 ou 5 anos passados, a saca de café de 60 quilos, era vendida em Fortaleza no preço de 280 a 300 cruzeiros, e, o salário das apanhadeiras variava de 7 a 8 cruzeiros, e, — Atualmente, a saca de café é vendida por mil e cem cruzeiros e o salário permanece praticamente o mesmo

— Daí concluímos que os patrões ou donos de sítios, com ganancia e egoísmo que os caracterizam, só desejam o aumento exorbitante de seus lucros, esquecendo por exemplo a situação dos que trabalham e produzem.

Nestas condições, as camponesas da Serra do Baturité, devem-se organizar o quanto antes em Uniãoes Femininas e Comissões de Sítios a fim de exigirem dos patrões aumento de salários, diminuição de horas de trabalho e outras reivindicações desejadas, pois, só assim unidas e organizadas, conseguirão fazer valer os seus direitos.



A colheita é feita da maneira mais primitiva e rotineira possível: as camponesas prendem um balaio à cintura e saem morro acima, colhendo os grãos de café, lutando contra as pragas de

nessa época. Cheio o primeiro balaio, descem elas ao «barreiro», local de medição do café, para em seguida reiniciarem o penoso trabalho que lhes dá o insignificante salário de 8 a 10 cruzeiros por dia.

## Proposta de Paz

Conclusão da 8ª da URSS confiam na possibilidade de defender vigorosamente a causa da Paz. Os povos soviéticos confiam também em que é possível solucionar até mesmo o problema mais agudo da situação atual — o conflito coreano. Para isso é indispensável a disposição de ambos os lados de se colocarem no caminho da solução pacífica. Os povos soviéticos consideram que, como primeiro

passo, deveriam ser entabuladas negociações que levem os beligerantes a cessar fogo e chegar a um armistício, mediante a retirada recíproca das forças armadas para além do Paralelo 38».

O governo do Sr. Vargas, na reunião realizada pelo Conselho de Segurança, deixou bem claro seu desejo de enviar tropas brasileiras, sob o pretexto de um suposto «compromisso internacional». Mas, não é possível reconhecer nenhum compromisso desse tipo. A guerra injusta e cruel desencadeada há um ano na Coreia deve terminar já, para a tranquilidade das infelizes mães coreanas e de todas as mães.

Saudemos, pois, a proposta de paz soviética, como grande contribuição à causa da paz mundial — a esperança de um futuro feliz para nossos filhos, ao nosso lado, livres do terror de novos massacres sangrentos.

### EXPEDIENTE

Diretora:

Arcelina Mochel

Gerente:

Olga Duarte

Número avulso: Cr\$1,00

Redação e Administração:

Rua Evaristo da Veiga, 16

8.ª and., sala 808-A — Rio.

## Concurso de Assinaturas

QUERIDA LEITORA

Voltamos a lançar o nosso já vitorioso CONCURSO DE ASSINATURAS, a fim de aumentar sempre mais o número de leitoras de nosso querido jornal.

Quem ganhará o prêmio em 1.º lugar?

Arranje 10 assinaturas e envie para nossa redação.

1 ano — 48 números ..... Cr\$ 40,00

6 meses — 24 números ..... Cr\$ 22,00

3 meses — 12 números ..... Cr\$ 12,00

Peço uma assinatura de

**MOMENTO FEMININO** para

Endereço .....  
Nome .....  
Cidade .....  
Meu nome .....  
Estado .....  
Assinatura de ..... meses

Este concurso é válido até o dia 31 de agosto. Consigne 10 assinaturas (de qualquer preço) e remeta o dinheiro em nome do des. nome, urgentemente, para nossa Redação: R. Evaristo da Veiga 16 sala 808-A — Rio.

MOMENTO FEMININO

Pág. 10

## TRÊS MULHERES

(conclusão da 12ª pag.)

Logo que a moça se retirou, apareceu o magistrado, um homem alto, forte, ainda moço, bem barbeado e bem penteado, amável e sorridente.

A princípio, cheia de curiosidade, dona Gertrudes ficou nele com o olhar, mas logo sua atenção foi atraída pelo que dona Alméria dizia. Ficou abismada. Já sabia, por ouvir dizer, que ela falara num comício durante uma greve, quando o marido fora preso, mas nunca a tinha ouvido falar daquele jeito, diante de uma pessoa tão importante. Suas palavras saíam com facilidade e eram bonitas as coisas que ela dizia. E como defendia a Elisa! Durante vários minutos a ouviu embevecida, como num sonho, que foi interrompido pela voz do homem. Este falou da lei, disse da importância social da justiça, do espírito de justiça dos magistrados, repetiu palavras tranquilizadoras sobre os sentimentos humanitários a liberdade e os direitos do cidadão, enfim mostrou compreender os anseios de paz dos povos e a grande beleza que significa a luta pelos grandes ideais da humanidade. Seu sorriso era franco, suas palavras soavam claras e embalavam pelo timbre de sua voz educada.

Depois de ter o magistrado prometido que ele e seus pares tudo fariam para restabelecer a justiça, as mulheres desceram e fizeram o caminho de volta para suas casas. No trem, dona Gertrudes viajou no mesmo banco com dona Alméria, com quem conversou durante toda a viagem. Quase no final da viagem como dona Alméria falasse numa reunião a que ainda iria àquela noite, dona Gertrudes observou admirada:

— Mas, como a senhora acha tempo, com cinco filhos, dona Alméria?

— É a nossa luta, filha.

Nessa noite, após uma tarde cheia de serviço, o que trouxe grande atraso ao jantar, dona Gertrudes pensou bastante na sua vida, nos filhos e em muitas outras pessoas. Mas, quando conseguiu dormir, sentia-se tranquila. Aquil-rira a certeza de que não estava só e de que outras pessoas simples também lutavam para que seus filhos não tivessem a desgraça de morrer na guerra. Esta certeza lhe restituiu a confiança e ela prometeu a si própria que os defenderia até o último alento.

«Não irmão... Não irmão — pensava ainda, enquanto seus olhos se fechavam. Hei de defendê-los com as unhas e os dentes, se for preciso, como um animal, como uma gata... Uma gata...»

Oito dias depois, dona Gertrudes soube que os juizes do tribunal haviam confirmado a condenação imposta a Elisa Branco. Contou-lhe uma das moças que estivera com ela na casa do magistrado.

Era um domingo. No mesmo instante ela vestiu o seu melhor vestido, levou às crianças até a porta do cinema e de lá se dirigiu à Casa de dona Alméria.

Encontrou-a na cozinha, preparando um café para a família e foi direta ao assunto:

— Dona Alméria, vim aqui dizer à senhora que quero ajudar. Quero fazer alguma coisa também.

— Sim, querida, temos muito o que fazer — disse a outra envolvendo-a pelos ombros com um braço e puxando-a para si, como se abraçasse uma filha ou uma noiva.

# Campaha de Ajudo à Imprensa Feminina

## ATIVIDADES DA CAMPANHA

### CONCURSO DA RAINHA

Mais 2 candidatas se apresentaram ao Concurso de Rainha de «MOMENTO FEMININO». Foram as senhoritas: Milka Alves Pimenta, e Maria Aparecida da Cruz de Uberlândia de Minas Gerais.

Publicamos hoje, os retratos das 5 candidatas ao honroso titulo de Rainha de «Momento Feminino».

### ATIVIDADES DIVERSAS

#### DISTRITO FEDERAL

Macarronada e tarde dançante — Organizada pelos bairros de E. de Dentro e Bento Ribeiro, realizou-se a 20 de maio findo. Com bastante êxito, demonstrando

## Vida de Momento Feminino

### NOVOS REPRESENTANTES: —

Rio Grande do Norte — MOSSORO  
Maria Ferreira Massiel (em substituição à Francisca Clara de Souza)

São Paulo — AMERICANA  
José Batista Chaves (em substituição à Alcides Dias de Freitas).

Minas Gerais — POÇOS DE CALDAS  
José F. Silva ..... com 15 exs.  
São Paulo — BARRETOS  
Maria Alves Lima ..... > 5 >  
São Paulo — FRIGORIFICO  
Sebastiana Silva ..... > 10 >  
São Paulo ARARAQUARA  
Antonio Pinto Filho ..... > 20 >  
Santa Catarina — SÃO FRANCISCO DO SUL  
Benedita Gonçalves ..... > 10 >

### AUMENTARAM SUAS COTAS

Alagoas — MACEIO  
Maria Augusta N. Miranda .... mais 30 >  
Minas Gerais — UBERLÂNDIA  
Irma Rezende ..... > 50 >  
Rio de Janeiro — CAXIAS  
Elaine Bezerra ..... > 10 >  
Rio Grande do Sul — SANTIAGO  
Lira Abreu ..... > 15 >  
Santa Catarina — FLORIANOPOLIS  
Rita Malheiros ..... > 20 >  
São Paulo — SANTOS  
Odete de Souza .. .. > 100 >  
Total do Aumento da venda do jornal .. 285 exs.

VENDIDOS JORNAIS NUMA FESTA — As mulheres de Barreto, em Niterói, aproveitaram a realização de uma festa no dia Internacional da Mulher e venderam inúmeros exemplares de «Momento Feminino».

## CONCURSO



Milka Alves Pimenta, está em 1º lugar com 1520 votos

o interesse das amigas pela vida de seu jornal, o que muito agradecemos.

Ação entre Amigos — Promovida pela Tijuca foi sorteada uma rica colcha de filet que alcançou com a participação de outros bairros, o total de Cr\$ 1.160,00. O número premiado foi o 45 que coube à sra. Delza Guimarães, residente em Laranjeiras. Felicitamos a amiga.

### ESTADOS

#### MINAS GERAIS:

UBERLÂNDIA — Grande campanha de ajuda a «Momento Feminino» está sendo desenvolvida pelas amigas de Uberlândia, tanto na parte de divulgação, como na parte financeira. Duas candidatas participam entusiasmadamente do «Concurso para Rainha».

Foi realizado um pique-nique em Sucupira, com a presença de 120 pessoas.

Têm sido organizados vários comandos para a venda do jornal e foi criada uma comissão de ajuda, presidida pela sra. Perside L. Marques, cujo aniversário foi aproveitado para a festa de apresentação da candidata do bairro Fundinho.

O jornal tem sido lido coletivamente, em palestras pronunciadas nos bairros, sobre a carestia, reivindicações locais e luta em defesa da Paz.



HILDA MARTINS, candidata de Irajá.

## PARA



Maria Aparecida Cruz, já conseguiu 1.000 votos

### Luiz Werneck de Castro

Advogado

Diariamente das 12 às 13 e das 6 às 18 hrs.

RUA DO CARMO, 49, 2.º Andar, Sala 2  
Fone: 23-1064

EXCETO AOS SABADOS

Pretendem ainda nossas amigas daquela cidade mineira, fazer ampla propaganda do jornal e de suas candidatas através de cartazes nas vitrines das casas comerciais.

COMISSÃO ESTADUAL NO CEARÁ — Foi criada, em Fortaleza, uma Comissão Estadual, que será responsável pela Campanha de Ajuda ao nosso jornal, em todo Estado. Essa Comissão organizou um plano de trabalho: festas, banquetes, concursos, etc. Escrevem as amigas do Ceará transmitindo que dentro de uma quinzena serão enviados os primeiros resultados financeiros do trabalho realizado

Mais uma vez pedimos às amigas que nos enviem notícias das atividades da Campanha em seus Estados. Este mês já enviamos circulares a todas, e pedimos que acusem o recebimento. Lembremos que falta apenas um mês para o fim da Campanha e esperamos que as amigas, tanto dos Estados, como do Distrito Federal, não falem ao «Presente do Aniversário» do nosso querido MOMENTO FEMININO, presente que será a cobertura de suas cotas.

TUDO POR Cr\$ 150.000,00 até 31 de Julho!  
TUDO PELA PROGRESSO DE MOMENTO FEMININO!

### COMISSÃO CENTRAL DA CAMPANHA

Livro de Ouro .....	Cr\$ 10,00,00
Bazar .....	> 2.000,00
Enciclopédia .....	> 1.355,00
Colcha .....	> 250,00
Bónus .....	> 135,00
<b>Total .....</b>	<b>Cr\$ 13.740,00</b>

### RESUMO GERAL DA CAMPANHA

	Cota atribuida	Realizada	Porcentagem
Distrito Federal	40.000,00	6.788,70	16,95%
Estados	110.000,00	810,00	0,73%
Comso. Central	—	13.740,00	—
<b>Total:</b>	<b>150.000,00</b>	<b>21.338,70</b>	<b>14,22%</b>

## RAINHA



Engenho de Dentro (Distrito Federal) colaboradora, é candidata do bairro de SEBASTIANA ARAUJO, nossa repórter e



Uma tarde de calor quase noite já, uma mulher de seus trinta e poucos anos, vestida modestamente, caminhava apressada no meio de uma pequena multidão, que aquela hora regressava a seus lares, por entre ruidos de bonés, ônibus, caminhões e um sem número de outros veículos.

Naquela trecho movimentado da cidade, seus passos tornavam-se mais inseguros devido a um enorme emburrucho que ela conduzia. Mesmas assim a mulher prosseguia sem se deter e quase sem olhar as outras mulheres, homens, velhos e crianças que caminhavam a seu lado, levando embrulhos, pastas, caixotes, cabides com roupas, pequenas malas, enfim essas mil e uma coisas que as pessoas que fazem parte das multidões carregam em qualquer cidade do mundo.

A certa altura, essa pequena multidão foi-se adensando, como que repressada, até que estacou. A mulher impacientou-se mas também se deteve para deixar passar um numeroso grupo de pessoas que desfilavam conduzindo cartazes e cantando canções patrióticas. Os olhos da mulher fixaram-se sem muito interesse em alguns cartazes e em algumas fisionomias, mas logo que lhe foi possível ela atravessou a rua e continuou a sua caminhada. O suor escorria-lhe pelo rosto, penetrava-lhe na boca deixando-lhe nos lábios um gosto salgado, mas a mulher não tratou de enxugá-lo, não depois de chegar à estação na estrada de ferro e de ter-se agitado num dos carros de segunda classe da composição que a levaria à casa. Ali, arriou o emburrucho e respirou com força repetidas vezes, enquanto passava o lenço pelo rosto e pelo pescoço.

Nesse instante, um rapazinho de seus quinze anos penetrou no carro e, depois de percorrê-lo com a vista descobriu a mulher, a quem se dirigiu:

— Mesmo na hora, hein?

— E João? — perguntou ela como resposta.

— Bem aí — disse o rapaz.

Bem não acabava ele de falar e uma voz infantil gritou da extremidade do carro:

— Luiz! Luiz!

— Paqui.

Apesar do barulho que fazia a multidão que se precipitava no carro, dos ruidos dos ferros das composições que aquela hora enchiam o pátio da estação e do vozeiro, a mulher distinguiu a voz de seu segundo filho e, fazendo-lhe sinal com a mão, chamou-o para perto de si, onde ele se sentou no lugar reservado por ela no banco.

Assim reunidos e conversando regressaram os três à sua pequena casa suburbana, onde, horas mais tarde, depois que os pratos do jantar foram lavados e os dois filhos dormiram, dona Gertrudes — assim se chamava a mulher — chegou a cadeira para perto da máquina de costura e se pôs ao trabalho. Um monte de fazendas de cores diversas se estendia-se do fundo de um cesto de vime, de mistura com linhas, botões, alfinetes, tesouras, uma fita metálica e vários outros instrumentos de trabalho.

Nessa tarde, dona Gertrudes fôra à cidade buscar novas encomendas. Costurar era o seu trabalho, um duro trabalho, que ela iniciava pela manhã e continuava até altas horas da noite, com pequenas interrupções para cuidar dos afazeres da casa. Era com ele que dona Gertrudes cuidava da família, desde que o marido morrera, fazia já seis anos.

Naquela noite, porém, ela sentia-se intranquila. Não sabia por que e, aparentemente, não havia motivo para tal estado de espirito. Fizera entrega de grande volume de trabalhos terminados e trouxera mais serviço e um dinheirinho que daria para as despesas da semana, mas não estava satisfeita. De tempos a tempos, sem ter para que, parava de pedalar, flocava os cotovelos sobre a costura e perdia-se em distantes pensamentos. Toda vez, porém, que seus olhos, sem nada verem, vagavam pela pequena sala, vinha-lhe à lembrança o pequeno grupo de pessoas e a figura da mulher empunhando um cartaz, que encontrara no momento em que se dirigia à estação. Nesses instantes, dona Gertrudes calculava que idade ela deveria ter e concluía que a outra talvez fosse um pouco mais moça e que era também bonita. Provavelmente fôra isso o que lhe chamara a atenção. Depois seu pensamento se detinha no detalhe do cartaz e ela se interrogava: «como era mesmo o cartaz que ela segurava?» A princípio não obteve resposta. Recordava-se apenas de que ele era branco e que as letras eram azuis. Porém a imagem completa do que vira rondava-lhe a memória e era impossível libertar-se do acontecido. Voltava a pedalar a máquina e daí a pouco de novo lhe acudia a cena da tarde.

Alta hora da noite, d. Gertrudes levantou-se e foi ver-se os filhos estavam bem agasalhados. Entrou no quarto e, de repente lembrou-se de tudo. Sim, tinha qualquer coisa com relação a filhos, era isso. «Nossos filhos... Nossos filhos não irão morrer na guerra da Coréia. Assim estava escrito no cartaz. «Nossos filhos...» Dona Gertrudes ficou admirada como de um momento para outro se recordava de tudo, letra por letra... Nossos filhos...

Deitou-se, porém só muito mais tarde pôde dormir. No escuro, por seus olhos abertos passava e repassava sempre a mesma cena, como filme numa tela. Várias dezenas de milhares, entre as quais muitas bastantes jovens de faces alegres, cantavam enquanto, marchavam empunhando faixas e cartazes onde se falava dos filhos e da guerra. Que seria isso de guerra da Coréia? — perguntava-se dona Gertrudes. E a palavra guerra começou a dar-lhe calafrios. Fôra durante a última guerra que lhe morrera o marido num navio torpedeado. Jamais soubera exatamente como acontecera. Vira-se de uma hora para outra viúva, com dois filhos para criar, no meio de toda sorte de dificuldades, que aumentavam de dia para dia. Agora, de novo falavam de guerra.

De sua cama escutava o ressonar dos filhos. «Nossos filhos...» Que seria aquilo de Coréia? Onde ficava? Seus filhos teriam também de ir? Precisava perguntar a alguém que lhe soubesse explicar. Seu coração de mãe pressentia que algum perigo a ameaçava. «Nossos filhos não irão...» A frase preocupou-a durante o resto da noite. Teve um sono inquieto e sonhou com grandes cartazes, que em vez de frases traziam o retrato dos filhos.

Levantou-se cedo, extenuada, mas resolvida a perguntar a alguém que pudesse tranquilizá-la. O dia, entretanto passou-se sem que ela encontra-se a quem consolar suas preocupações.

Isso foi numa quarta-feira. Na sexta, dona Gertrudes foi à feira do bairro. Dinheirinho contado no fundo da bolsa a cesta na mão, estava perguntando o preço do feijão, quando lhe tocaram no ombro. Virou-se e deu com dona Alméria, a mulher do maquinista, moradora no mesmo bairro, mas cuja casa ficava a alguma distância da sua. Foi olhá-la e, no mesmo instante, o cartaz e a mulher que há dois dias a preocupavam voltaram à sua lembrança. Ali estava a pessoa a quem podia perguntar. E dona Gertrudes esqueceu o feijão, largou o punhado de grão dentro do saco e puxou a recém-chegada para um lado, antes mesmo de responder ao cumprimento que ela lhe dirigira:

— Foi Deus quem mandou a senhora, dona Alméria... Ando tão preocupada...

# Três Mulheres

CONTO DE MILTON PEDROSA

E foi arrastando-a para um lugar menos movimentado numa esquina ali próximo.

Muito tempo ficaram as duas mulheres paradas, ali, no vão de uma porta, conversando. O sol ia alto, quando cereais e os balaios de legumes e verduras.

as duas de novo se encaminharam para as barracas de cereais e os balaios de legumes e verduras.

Nesse momento, dona Gertrudes perguntava a sua companheira:

— Como é mesmo o nome da moça que foi presa, dona Alméria?

— Elisa... Elisa Branco — respondeu-lhe a outra.

Depois dessa conversa, dona Gertrudes não mais ficava os rotovelos na máquina nem se deixava ficar com o olhar vazio, mas pensava muito na guerra e nos filhos. Não podia admitir que um dia eles pudessem ir morrer numa guerra, longe dela. Bastava a desgraça que acontecera ao marido.

Desde aquele encontro, dona Gertrudes conversara com muitas outras pessoas sobre a guerra, procurando averiguar se ainda falavam muito a respeito e se o perigo aumentava ou diminuía. Durante alguns dias andou comprando os jornais que os jornaleiros gritavam nas ruas, mas ficava tão confusa após a leitura que acabou desistindo de saber por eles o que estava acontecendo. As vezes, ela contava às conhecidas da moça que fora presa por que não queria mandar os filhos para a guerra. Um dia, alguém lhe observou:

— Elisa Branco é comunista.

Durante vários dias dona Gertrudes pensou muito sobre isto, sem comunicar a ninguém seus pensamentos. «Sim — dizia de si para si — mas que tem isso? Eu não sou comunista, mas sou mãe.» Depois concluiu que não era necessário ser-se comunista para não querer que os filhos morram na guerra. Bastava uma pessoa ter filhos para saber. Então uma criatura tem filhos, padece sofrimentos por eles se cansa fazendo sacrifícios para criá-los, para depois vê-los ir morrer numa guerra?

Naqueles dias em que dona Gertrudes sofria em silêncio, as duas crianças receberam intrigadas várias surpresas, sem jamais ajuar com a razão de tudo o que acontecia. Um dia era dinheiro para cinema ou sorvete aos domingos. E um sábado a noite mesmo a mãe os levou a um jogo de futebol. Não só os intrigava, mas os enchia de feticidade.

Entretanto, cada dia dona Gertrudes se debruçava mais tempo sobre a máquina. Um domingo estava ela trabalhando umas costuras. Era o fim da tarde, as crianças tinham ido ao cinema ali perto e ela estava distraída, quando ouviu bater à porta. Foi ver e encontrou dona Alméria. Outra vez as duas conversaram durante muito tempo. No fim da visita, dona Alméria mostrou a ela um papel e perguntou se ela queria assinar.

— Assinar pra que? — perguntou.

— E' contra a guerra... vou ler.

— Se é contra a guerra, não precisa: eu assino.

E assinou, com sua letra miuda e desenhada. Depois que a amiga saiu, dona Gertrudes inesperadamente, sentiu-se alegre, inundada por uma onda de fel-

cidade e começou a cantarolar. Nesse momento, entraram os dois filhos e Jóhossino observou:

— Mãe parece que viu passarinho verde...

— E se tiver visto?

Estava se preparando para continuar o trabalho, mas bruscamente interrompeu a arrunção e acrescentou:

— Sabem... esta fazendo um calor danado. Vamos tomar um sorvete, que é melhor.

Os meninos se entreolaram e Luiz comentou, rindo:

— E viu mesmo...

Nora desses momentos, a vida na pequena casa suburbana continuava como sempre no que tocava ao trabalho de dona Gertrudes na máquina e as suas preocupações com a guerra.

Uma noite, um mês depois daquela tarde, dona Gertrudes outra vez recebeu a visita de dona Alméria. As duas conversaram muito sobre costura, a carestia e a guerra e, antes de partir, dona Alméria explicou:

— Vim aqui convidar a senhora para ir visitar uma pessoa.

— Quem? Eu?

— Sim, a senhora.

— Mas... visitar quem?

— Elisa Branco — disse dona Alméria.

Dona Gertrudes ficou perplexa:

— Mas eu nem a conheço...

— Não se mimpotância... Basta você saber que ela

foi presa por não querer ver nem os filhos dela nem os dos outros irem morrer na guerra.

— Isso é verdade — concordou dona Gertrudes.

Assim, foi feita a visita e durante muitos dias dona Gertrudes falou dela aos conhecidos. Em casa, as crianças também ficaram interessadas naquela mulher, que de dentro da cadeia fazia sua mãe falar tanto.

E perguntavam-lhe:

— Você falou com ela?

— Ela é bonita?

— Como é ela, hein?

— Como era mesmo o que ela escreveu?

A mãe repetia-lhe as frases que ouvira, a inscrição do cartaz, descrevia os modos da prisão e procurava imitar o tom firme de sua voz.

Ora, um dia uma freguesa pediu a dona Gertrudes para arranjar uma mocinha que quizesse se empregar em sua casa e ela foi procurar dona Alméria, que há tempos lhe falara a respeito de alguém necessitada de um emprego. Chegando lá deu com várias pessoas, uma das quais estivera com ela na visita a Elisa Branco. Então ficou sabendo que esta fora condenada a quatro anos e cinco me-

ses de prisão e ia ser julgada novamente pela mais alta corte do país. Soube mais que muitas pessoas estavam indo às residências dos juizes, telegrafando-lhes ou escrevendo-lhes para pedir justiça para a moça que queria apenas que ninguém fosse morrer na guerra. Recordou-se de tudo quanto tinha visto e ouvido a respeito dela e pensou que talvez pudesse fazer alguma coisa para ajudá-la. Quiz falar como dona Alméria, porém não sabia o que poderia fazer e não se atreveu. Quando se retirava, porém, uma jovem de longas tranças enroladas no alto da cabeça dirigiu-se a ela, dizendo:

— Então, amanhã, às dez, aqui...

— Eu? — perguntou.

— Sim... Você não vai?

— Vou — respondeu, como num susto, que se sem sentir.

Nessa noite, ficou na máquina até mais tarde, a fim de ganhar algum tempo para o dia seguinte, de modo a não atrasar a entrega das encomendas, e à hora marcada compareceu ao encontro.

Daí por diante, em qualquer momento de sua vida, jamais deixaria de pensar em tudo quanto lhe aconteceu nesse dia sem uma estranha sensação de alegria segurança.

De início, admirou-se de encontrar na reunião várias conhecidas e do modo como falavam todas. Estava habituada a só ouvir das pessoas com as quais conversava lamentações e desespero, que, a princípio, estranhou ver em todos os rostos, muitos marcados por longos sofrimentos, privações e dificuldades de toda espécie, certa determinação e firmeza e mesmo em alegria. Conhecidas que, noutras ocasiões, só faziam amargas queixas contra a miséria, a carestia e a vida, ali falavam de outros assuntos com ânimo sem nenhum trazo de amargura.

Depois, quando o grupo de mulheres, após ter descido do trem e caminhado a pé, chegou à residência do juiz a quem elas iam falar, foi a vez de dona Gertrudes admirar-se do que se passava com ela mesma.

Habituar-se desde pequena a entrar, nas casas das pessoas importantes, pela porta dos fundos, de maneira que, quando lhes abriam a porta da frente, julgou que não se sentiria à vontade lá dentro. Entretanto, nada semelhante a isso a dominou. E quando uma das filhas do magistrado veio avisar que o pai não se demoraria, não sentiu nenhuma timidez. Ficou olhando a moça bem de frente, a admirando o seu porte elegante, examinando o vestido bem feito que ela vestia e calculando o preço da costura. Chegou mesmo a achá-la bonita e um poderoso sentimento de simpatia a envolveu, quando ela pensou que aquela jovem, embora filha de um homem poderoso, também estava ameaçada pela guerra, por ela ou pelo perigo que ameaçava seu irmão, seu namorado ou seu noivo talvez.

Mais tarde, fazendo um exame do que se passara com ela naqueles momentos, dona Gertrudes atribuiu tudo ao fato de ter sentido então que não estava ali por ela, mas por seus filhos e por aquela mulher que da cadeia ainda continuava lutando para que eles não fossem para a guerra.

Conclui na 10.ª página.